

# convergência

DEZ — 1977 — ANO X — Nº 108



- **RETIRO DE ALUNOS**

Entrevista do Irmão Nery, FSC — página 588

- **EVANGELIZAÇÃO, INSTITUIÇÃO, CATEQUESE**

Pe. Agostinho Castejón, SJ — página 596

- **CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO**

Pe. J. B. Libânio, SJ — página 606

## CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

### Diretor-Responsável:

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

### Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB

### Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º an-  
dar (ZC-06) — 20.000 RIO DE JA-  
NEIRO — RJ.

---

### Assinaturas para 1977:

---

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea) . . . . .	Cr\$ 150,00
Exterior: marítima . . . . .	US\$ 17,00
aérea . . . . .	US\$ 25,00
Número avulso . . . . .	Cr\$ 15,00

---

Os artigos assinados são da respon-  
sabilidade pessoal de seus autores.

---

**Composição:** Compositora Helvética  
Ltda., rua Correia Vasques, 25 —  
20.000 Rio de Janeiro — RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da  
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,  
100 — 25.600 Petrópolis — RJ.

---

### Nossa Capa:

"O CAMINHO SE FAZ CAMINHAN-  
DO". Dez anos vivendo isto. Dez  
anos de CONVERGÊNCIA. Coragem  
de caminhar e fazer caminhar. A par-  
tir da experiência e da vida. À luz da  
fé que alicerça nossa vida de Re-  
ligiosos e lhe dá sentido. Procura e  
renovação que não cessam. Cam-  
inhar na Igreja e com a Igreja, de  
hoje e de sempre.

---

Registro na Divisão de Censura de  
Diversões Públicas do D.P.F. sob o  
nº 1.714-P.209/73.



# SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> . . . . .	<b>577</b>
●	
<b>INFORME DA CRB</b> . . . . .	<b>579</b>
●	
<b>RETIRO DE ALUNOS</b> , entre- vista do Irmão Nery, FSC. Pe. Celso Sehn, MSF . . . . .	<b>588</b>
●	
<b>EVANGELIZAÇÃO, INSTITUI- ÇÃO, CATEQUESE</b> Pe. Agostinho Gastejón, SJ . . . . .	<b>596</b>
●	
<b>CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO- AMERICANO: TEMORES E ESPERANÇAS</b> , Pe. J.B. Li- bânio, SJ . . . . .	<b>606</b>
●	
<b>A VINDA DOS DOMINICANOS AO BRASIL DURANTE A ÉPOCA IMPERIAL</b> , Riolan- do Azzi . . . . .	<b>620</b>
●	
<b>LIVROS NOVOS para Você ler</b> . . . . .	<b>638</b>

# EDITORIAL

Neste número final de 1977, **CONVERGÊNCIA** aborda, ainda com referência ao tema da Catequese, dois assuntos interessantes que vão ao encontro do numeroso grupo de Religiosos que exercem sua vocação evangélica e missão apostólica na escola, como educadores. Sentem estes como a situação educadora constitui um verdadeiro desafio, não raro, devido a situação de mudança, crises das instituições em geral, fenômenos próprios da situação presente com suas rápidas mutações.

A tarefa educativa é de vital importância na sociedade. Razão porque a Igreja e o Estado lhe atribuem especial importância. Através dela as pessoas obtêm seu pleno desenvolvimento, a fim de que possam conseguir sua realização pessoal e agir ativamente no aprimoramento do corpo social.

Os religiosos ligados à educação percebem a necessidade de buscar sempre novos caminhos diante da complexidade do desenvolvimento educativo, social,

econômico, político, cultural e religioso. Fatores estes que implicam decisivamente no processo educativo dos adolescentes e jovens.

Seus anseios e dúvidas não se prendem apenas à problemática educativa em seu percurso de trabalho ao "crescimento em humanidade", mas surgem muitas inseguranças na transmissão dos conteúdos do Evangelho e da fé, tarefas precípuas do religioso educador. Neste ponto, muitas vezes, não sabem o que fazer, como fazer, uma vez que também a concepção de educação religiosa não consiste apenas em transmitir conhecimentos ou valores adquiridos. Há de se ter presente, neste particular, a rapidez com que certos métodos catequéticos são superados. Deve-se contar sempre com as mudanças de comportamento moral dos jovens, influenciados profundamente pelos meios de comunicação social. Problemas estes que envolvem não apenas as Congregações Religiosas docentes, mas exercem forte influência

sobre a própria instituição familiar. Daí a constatação de que os esforços empreendidos nem sempre logram a satisfação de resultados positivos.

O importante nesta tarefa evangelizadora será criar meios capazes de firmar a fé dos jovens através da educação cristã globalizante.

Em ordem a estas perspectivas, para ajudar aos religiosos que se debatem na tarefa da educação da fé com efeito, **CONVERGÊNCIA** traz aos seus leitores uma experiência de Retiro de Alunos. É uma contribuição excelente do **Irmão Nery, FSC**. O autor deste trabalho relata de um modo prático e agradável o que realiza em plano normal na educação religiosa o seu colégio, Instituto Abel de Niterói. Explicita de maneira exaustiva a prática extra-curricular. Apresenta a organização, a infra-estrutura, a metodologia, os conteúdos, a paisagem e os personagens prestados e frutivos do seu Retiro de Alunos. Fala das dificuldades e resultados do seu trabalho neste campo. É inegável que o tratamento deste assunto vai trazer enorme benefício a todos quantos lidam com experiências semelhantes.

O segundo assunto nesta linha diz que respeito ao religioso educador é o artigo do **Pe. Agostinho Castejón, S.J.** sobre a Evangelização, Instituição e Catequese, no qual o autor tece considerações e colocações abundan-

tes acerca da problemática suscitada pela catequese formal em Instituições Católicas. Estabelece relações entre teoria e prática; instituição educacional e Evangelização; instituição e catequese, entre kerygma e catequese. Aborda aspectos da catequese vivencial e doutrinária; catequese e ideologia e mais algumas facetas práticas do fazer catequético.

**O Informe CRB** leva até você o que aconteceu nas Assembléias de quatro Regionais da CRB: Teresina, Brasília, Fortaleza e Curitiba. Ali você encontra os nomes dos novos diretores, as prioridades da área religiosa do triênio que ora se inicia.

**Riolando Azzi** focaliza, sob o prisma histórico, a vinda dos Dominicanos ao Brasil na época imperial. A chegada dos mesmos vincula-se ao movimento dos bispos reformadores desejosos de implantar aqui a reforma católica tridentina.

Ao finalizar a jornada de mais um ano, desejamos prazerosamente aos assinantes, aos assíduos leitores de **CONVERGÊNCIA** e a todos os religiosos um Feliz Natal e um Ano Novo pleno de realizações pessoais e em prol do Reino que Cristo veio estabelecer no seio da humanidade. Nosso reconhecimento pela sua atenção, apoio e participação. Esperamos contar novamente com vocês em 1978.

**Pe. Celso Sehn, MSF**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### PELAS REGIONAIS

#### REGIONAL DE TERESINA

A área geográfica da Sub-Regional de Teresina abrange todo Estado do Piauí e aí moram 240 religiosos, sendo 4 Bispos, 41 padres, 8 irmãos leigos e 187 irmãs, pertencentes à 17 Congregações Religiosas.

**Assembléia Regional.** Dias 3 e 4 de setembro esta Sub-Regional celebrou a Assembléia Geral Ordinária Eletiva, na Casa das Irmãs de São José, na Vila Operária. Durante o desenrolar da mesma, os 39 religiosos participantes apreciaram o relatório das atividades do programa religioso e relatório financeiro. Sob a assessoria do Pe. Victor Asselin, da Arquidiocese de São Luís, refletiram sobre o tema: **Realidade Nordestina, especialmente o Piauí e os religiosos nela.** Através de exposições do Padre Victor e trabalhos em grupos fizeram uma constatação da realidade da vida do povo, sob os mais diferentes aspectos: renda familiar, condições de trabalho, habitação, educação, saúde, religião e lazer.

Foi apresentada também uma síntese dos relatórios dos religiosos engajados em trabalhos no Piauí fora da Capital.

As principais realizações desta Sub-Regional, no período de 1976 a 1977 foram: Retiros Intercongregacionais, Cursos de Dinâmica de Grupo, Encontros de Pastoral.

A Equipe Coordenadora estendeu suas atividades em reuniões mensais, visitas aos núcleos, participação nos encontros inter-regionais do Nordeste I, II e III em Recife e Salvador; participação do encontro dos membros das Diretorias de Regional de Fortaleza e dos Núcleos do Ceará e Piauí e participação das Assembléias Regionais de Fortaleza e Belém.

Por ocasião da Assembléia elegeu-se nova Equipe Coordenadora que ficou assim constituída: **Coordenadora:** Irmã Maria de Lourdes Barros, Missionária de Jesus Crucificado **Vice-Coodenador:** Pe. Mateus O'Sullivan, Rendentorista. **Secretária:** Irmã Marianize

da Silva Lima, Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena. **Tesoureira:** Irmã Maria Nair de Souza Lima, Irmãs de São José.

Da Regional de Fortaleza da qual a Sub-Regional de Teresina foi desmembrada participou o Pe. Raimundo Limbertie, C.M., Secretário Executivo.

## REGIONAL DE BRASÍLIA

**Assembléia.** No Centro Cultural de Brasília (DF), teve lugar nos dias 3 e 4 de setembro a IV Assembléia Geral ordinária Eletiva da CRB. Fizeram-se presentes 90 pessoas entre Superiores Provinciais, Representantes de Superiores Provinciais, Diretoria Regional, delegados do Núcleo de Paracatu, Executivo Regional e outros Religiosos. Da CRB/Nacional participou a Executiva, Irmã Maria Laura Mousinho. O tema central de reflexão foi "**A Realidade Nacional Eclesial do Brasil HOJE e a presença dos Religiosos nela**", desenvolvido em três momentos: 1º) A Realidade Nacional e de Brasília, pelo Dr. Paulo Couto Teixeira, Economista de Brasília. 2º) A Igreja no Brasil e em Brasília, pelo Frei Eurico Bolzan, Vice-Provincial dos Capuchinhos. 3º) Os Religiosos Inseridos nesta Realidade e nesta Igreja, pela Madre Rachel Mello Mattos de Castro, Provincial das Religiosas de Assunção e Vice-Presidente da Regional. Os trabalhos foram coordenados pelos seguintes membros, eleitos na 1ª Sessão: Presidente: Ir.

Stella Pessoa, das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Moderador: Ir. Cristófora Duarte, das Filhas do Amor Divino. Secretários: Ir. Henrique José Longo, Lassalista e Ir. Nair dos Reis, Missionária de Jesus Crucificado. A programação litúrgica esteve a cargo das Irmãs da Assunção.

**Congregações Representadas.** Masculinas 7: Agostinianos, Congregação da Missão, Jesuítas, Lassalistas, Maristas, Ordem do Carmo, Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Femininas 31: Apóstolas do S. Coração de Jesus, Associação de S. Vicente de Paulo, Auxiliares de N. S. da Piedade, Batistinas, Carmelitas da Providência, Carmelitas Missionárias de Santa Teresinha do Menino Jesus, Concepcionistas Missionárias do Ensino, Filhas de Maria Auxiliadora, Filhas de N. S. do Monte Calvário, Filhas do Amor Divino, Filhas dos SS. Corações, Jesus Maria José, Missionárias da Consolata, Missionárias da Imaculada Conceição, Missionárias de Jesus Crucificado, Missionárias de N. S. das Dores, Missionárias de São Carlos, Nossa Senhora Medianeira, Notre Dame, Pequenas Irmãs da Divina Providência, Pias Discípulas do Divino Mestre, Providência de Gap, Religiosas de Assunção, Religiosas de Maria Imaculada, Sagrado Coração de Maria, Salesianas dos SS. Corações e Santa Dorotéia.

**Nova Diretoria.** Por ser uma Assembléia eletiva, foram escolhidos para o próximo triênio os seguintes religiosos: Presidente: Frei João Batista de Oliveira, AR. Diretores: Madre Rachel de Mello Mattos de Castro (reeleita), Frei Venâncio Pivatto, Irmã Querubina Silva, MIC, Irmã Stella Pessoa, SCM.

### **Algumas prioridades e objetivos votados ao final da Assembléia:**

- a) Formar um Grupo de reflexão intercongregacional.
- b) Formar uma equipe de educação, para modificação nas estruturas burguesas, e criar uma secretaria de educação católica.
- c) Formar grupos para trabalhar na periferia.
- d) Criar um Instituto de formação para Catequese na Faculdade Católica.
- e) Tentar uma nova aproximação entre CRB, AEC e Secretariado das Religiosas, e inserir possível planejamento pastoral.

f) Dar continuidade e apoio ao Ju-niorato Intercongregacional. Abrir outros cursos, para a Criação do Noviciado Intercongregacional. Ensejar e estimular a Formação Permanente.

**Conclusão.** Conforme informações da Secretária Executiva, Ir. Luiza Lucca, os temas foram explicitados com lou-vável competência, clareza, profundida-de, despertando vivo interesse entre os participantes. O programa previsto foi cumprido integralmente, iniciando-se os trabalhos da IV Assembléia de Brasília às 13,30h do dia 3, e terminando às 17:00hs do dia 4, com a posse da Diretoria eleita e Celebração Eucarís-tica. Os objetivos da Assembléia foram plenamente atingidos.

## **REGIONAL DE FORTALEZA**

No auditório do Convento de Nossa Senhora do Cenáculo, iniciou-se às 8,30hs. do dia 9 de setembro, a Assembléia Geral da CRB Regional que teve seu término no dia 11 às 17hs. O Pe. Joseph Hanrahan, Presidente, saudou inicialmente os presentes e acolheu o Cardeal Arcebispo, Dom Aloísio Lorscheider, os representantes da Sub-Regional de Teresina e os representantes dos Núcleos.

Dom Aloísio em sua mensagem falou do seu apreço aos Religiosos. Chamou atenção para o papel deles face à realidade Latino-Americana. Fez referência à união eclesial existente entre os Religiosos e o Episcopado Brasileiro, ponto alto para um trabalho em conjunto.

**Comissão Central:** foi constituída pelo Pe. Santana, SJ., Ir. Maria Montenegro, Ir. Assunção Benevides e Ir. Assunção Maria.

**Participantes:** o total de participantes foi de 62. Vogais: 45; Assessores: 5; Convidados: 12. Pela CRB/Nacional esteve presente o Pe. Celso Sehn.

**Tema:** Durante os três dias os religiosos de Fortaleza refletiram sobre o tema Pobreza Religiosa. Este tema foi desenvolvido pelo Frei Geraldo Nascimento, Provincial dos Capuchinhos, o qual deu ênfase em suas exposições sobre três linhas: 1º) **Pobreza do Ser e do Ter.** 2º) **A Realidade Nordestina.** 3º) **Confrontação de Nossa Pobreza com nossa Realidade.** Após cada expo-

sição os participantes continuaram a Reflexão através dos grupos integrados.

Pe. Raimundo Limbertie, Secretário Executivo, apresentou o Relatório das Atividades Religiosas da Diretoria e o Relatório Financeiro.

Falaram pela Equipe de Formação, a Ir. Inês de Barros Lima; pela Equipe Vocacional, Ir. Lúcia Inês Ponte; pela Equipe de Reflexão Teológica, Ir. Valter Miranda, Marista.

Houve eleição da nova Diretoria, cujo resultado é o que segue: Presidente: Pe. José Hanrahan, Redentorista (reeleito);

Frei Geraldo Nascimento, Capuchinho; Pe. Raimundo Limbertie, Lazarista; Ir. Leonildo Ximenes Aguiar, F.S.A., Ir. Elba Castelo Benevides, S.M.I.C.

Ao encerramento compareceram Dom Aloísio Lorscheider e o Bispo Auxiliar Dom Edimilson Cruz. Dom Aloísio externiza sua alegria de estar com este grupo de religiosos. Faz referência a dois grandes acontecimentos para a Igreja da América Latina: a III Conferência Latino-Americana com realização prevista no México em 1978, o Congresso Eucarístico Nacional em 1980 em Fortaleza. Lança um apelo aos religiosos masculinos para que participem mais dos encontros da CRB, para que se congreguem mais. Enaltece o valor do encontro fraternal.

## **Proposições votadas**

A Assembléia votou igualmente algumas proposições orientadoras para os trabalhos da nova Diretoria. São as que seguem:

**Setor Saúde:** na próxima gestão dê atenção especial ao setor saúde, tendo em vista ajudar às Religiosas que atuam nesta área, possibilitando também uma iniciação na medicina preventiva às que estão engajadas nas pequenas fraternidades.

**Integração das Congregações:** seja insistente em convidar as diversas famílias religiosas de um mesmo local, a que promovam reuniões e encontros de caráter familiar, abrindo caminho a um fraterno e crescente intercâmbio.

**Integração no trabalho:** Estudando as necessidades apostólicas das áreas onde atuam as várias congregações religiosas, dirija apelo às mesmas, para que unifiquem seus esforços, evitando paralelismo dos trabalhos apostólicos nas mesmas áreas.

**Integração pastores-religiosos:** estimule cada família religiosa, dentro da fidelidade ao próprio carisma a estudar como melhor se vincular à Igreja local e particular, levando ao conhecimento dos pastores competentes, suas possibilidades apostólicas, e que estes as situem devidamente nas linhas de sua ação e planejamento pastoral.

**Cargos na CRB:** dirija apelo aos superiores maiores dos membros engajados nas suas diretorias, no sentido de não os transferir durante o período da gestão, a fim de evitar a quebra da consecução dos objetivos.

**Cursos:** proporcione, nas férias, cursos intensivos de teologia e catequese.

**Equipe de oração:** dinamize sua equipe de oração, para que fique à disposição das comunidades, a fim de suprir suas dificuldades, por ocasião



de retiros, encontros e manhãs de formação.

**Equipe de reflexão:** incentive a sua equipe de reflexão a que estabeleça datas fixas para suas reuniões e haja assiduidade às mesmas.

**CRB e AEC:** intensificação das relações CRB-AEC, para que haja um trabalho conjunto e eficiente.

**Equipe vocacional:** esta equipe continue a fornecer subsídios.

**Educação:** no cumprimento dos seus objetivos, de animar e promover a qualificação dos religiosos, para sua atuação pastoral, ajude os que se dedicam ao campo da educação a reencontrarem o sentido de sua vocação, e de suas obras, como educadores da fé, conscientes das exigências da realidade em que estão historicamente inseridos. Que se crie para tanto, em colaboração com as AEC's nacional e regionais grupos de reflexão e apoio para o estudo e a orientação do nosso trabalho educacional, visando a superação de modelo de cristandade:

a) Acentuando a educação libertadora.

b) Colocando as obras educacionais dentro da pastoral de conjunto.

c) Reorientando e motivando a abertura a novos campos e atividades.

d) Ajudando a discernir as exigências que o momento histórico faz às Congregações cujo carisma inclui a pastoral da educação, de modo a favorecer uma integração entre o ser religioso e o ser educador.

e) Discutir as linhas e as prioridades que poderiam orientar a unifica-

ção e a redistribuição de nossas forças e recursos.

f) Incentivando experiências, possivelmente intercongregacionais, que possam servir de laboratórios.

g) E, sobretudo, embasando todo esse esforço em uma sólida visão teológica de nossa vocação de religiosos a serviço da igreja e dos homens, em especial dos pobres.

h) Levando os educandos a tomarem consciência com o auxílio dos documentos de Medellín e da CNBB, das atuais injustiças sociais e de suas origens.

**Foranias e Setores:** estude outra modalidade para um trabalho e encontros de foranias. Sugere-se um agrupamento por setores: pastoral educacional; pastoral de saúde; pastoral-assistencial; pastoral-catequética. Que o setor das pequenas comunidades seja mais difundido, de maneira a atrair e contar com a participação das várias congregações.

**Foranias:** como primeiro passo, para um entrosamento dos religiosos, vigários e leigos, no trabalho paroquial, estimule encontros conjuntos para análise dos obstáculos à obtenção dos objetivos, em busca de pistas de solução.

**Pequenas Comunidades:** estimule e acompanhe as congregações na formação de pequenas comunidades, organizando para isso uma equipe e coordenação. Faça uma sondagem junto às Congregações interessadas pondo um dos seus membros a serviço das mesmas, não necessariamente liberado.

**Justiça social:** ofereça elementos de conscientização e questionamentos aos

superiores maiores, coordenadores locais e demais religiosos sobre o valor evangélico da **justiça social**, dentro e fora do instituto, procurando assim superar as distorções ainda existentes: salário legal e não justo, opressão psicológica, discriminação, e aproveitamento dos mais fracos e despertar a consciência própria e a dos mais bem situados a um comprometimento sério com a justiça.

**Assessoria à sub-regional:** ofereça assessoria para organização da pastoral vocacional, de saúde e pequenas comunidades na sub-regional.

**Revisão da missão:** ajude as congregações e a se questionarem acerca da fidelidade ao carisma específico e à finalidade de cada congregação, tendo em vista as realidades locais e os apelos na Igreja na América Latina.

**Formação e pobreza:** através de questionamento e sugestões para tema de estudos, estimule religiosos e formandos a uma reflexão sobre sua vivência dentro de uma realidade concreta, despertando-os para uma consciência de que o seguimento radical de Cristo, implica opção pessoal e responsável e despojamento.

## REGIONAL DO PARANÁ

Sediada em Curitiba, realizou-se de 12 a 16 de setembro a IX Assembléia Ordinária Eletiva da CRB-Paraná, com a participação de mais de 80 Superiores Maiores e Delegados credenciados. Estiveram presentes também Superiores Maiores residentes em outros Estados.

Como convidados especiais tomaram parte: Pe. Afonso de Nijs e Irmão Dario Bortolini, representando a CRB Nacional; Pe. Yves Pouliquen pelo Regional Sul II da CNBB. Dom Luciano Mendes de Almeida, Bispo Auxiliar de São Paulo foi o conferencista nesta Assembléia, falando sobre a formação dos religiosos em vista de uma missão, frisando a importância do ser dos religiosos em função de um ir ao povo para servir.

O Arcebispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, esteve presente no segundo dia de trabalho levando seu voto de confiança aos religiosos e disse ser necessário enfrentar as realidades objetivamente, assumindo-as. Dom Albano Cavallin, Bispo Auxiliar de Curitiba, falou da Prioridade das Pastoral Orgânica e Vocacional, uma vez que a Igreja de Curitiba é sede de muitos Seminários e Noviciados.

## Nova Diretoria

Um dos pontos expressivos da IX Assembléia da CRB foi a eleição da CRB, para a gestão 78/80 precedida de uma votação prévia, seguindo-se a eleição propriamente dita, assim constituída: Presidente: Pe. Ladislau Biernaski, Provincial dos Padres Vicentinos. Conselheiros: Ir. Teresinha Remonato, Vice-Provincial das Vicentinas. Pe. Pedro Sallet, SJ, Pe. Pedro Lain, C.P., Ir. Maria Lopes, CCV.

## Opiniões

Os trabalhos da IX Assembléia da CRB/Paraná foram orientados por uma comissão composta de um presidente, dois secretários e dois relatores. Na opinião do Pe. Afonso de Nijs, que

presidiu a Comissão, esta Assembléia foi dinâmica e pode ser considerada entre as melhores, notando-se grande caminhada, e sob outro aspecto sente-se ainda a pressão de estruturas e a tendência a estruturar, quando hoje deve-se partir para a organicidade e ação conjunta com a maior proximidade possível da CNBB, numa linha conjunta de Pastoral Orgânica.

Na opinião de Ir. Maria de Lourdes Sávio, provincial reeleita das Irmãs de São José, que já participou da Assembléia anterior, a qual fez uma grande caminhada nestes três anos, no sentido de progresso na busca comum, onde se sente o desejo de uma ajuda mútua. "Percebe-se que as Congregações sentiram na "pele" que não se trata mais de caminhar sozinhos, mas de dar as mãos porque estamos todos trabalhando para o Reino que é um só".

Referindo-se ao sentido de solidariedade impresso e difundido no coração dos Religiosos, assim se expressou a Ir. Maria de Lourdes: "Parece-me que é uma redescoberta do que é a verdadeira missão, que nós somos o povo de Deus e o povo de Deus caminha de mãos dadas". E acrescentou, explicando, que particularmente nós, os consagrados pelo batismo e pelos votos religiosos, deixamos tudo pelo Reino, para anunciar Jesus Cristo. Só pode ser este caminho de amor, de profunda intimidade com o Pai, que se traduz concretamente na ajuda a todos os irmãos. Cada um naturalmente segundo os seus carismas, mas servindo na Igreja com toda riqueza que traz o carisma de toda e cada Congregação.

Quanto ao fato de que os religiosos estão dando prioridade aos mais carentes, explicou a irmã, não significa isto que em outras classes ficarão desconsideradas, afirmando: "Estamos a serviço de todo o povo de Deus. Compete-nos permanecer à escuta e disponíveis ao Espírito para discernir na hora certa a prioridade e a urgência, afirmando acreditar que seja esta uma das razões de o Espírito suscitar tantos carismas na Igreja, para que não houvesse um mínimo setor ou campo em que o povo não fosse atendido, seja qual for a necessidade. Para assumir uma missão tão particular, tão abrangente, requerendo tanta organicidade, a Ir. Maria de Lourdes julga que os religiosos do Paraná estão preparados como pessoas e como missão. A CRB Regional preocupou-se muito em favor das pessoas, formando-as, não massa, mas sim respeitando os desígnios de Deus em relação à pessoa que permanece única, complexa e até misteriosa, e sobre a qual Deus tem um plano especial e comunitário, onde se poderá vivenciar o Evangelho. "Uma formação nestes moldes desenvolve o crescimento pessoal e o desabrochamento de todos os dons, talentos e riquezas, para servir melhor".

## **PROJETOS DA REGIONAL**

As Conclusões da IX Assembléia Eletiva da CRB/Paraná levaram os seguintes projetos:

**ÁREA DE SAÚDE:** Criar um centro de coordenação e animação da Saúde, junto à CRB Nacional, ligada ao Regional e aos núcleos. Uma equipe GTS (Grupo de Trabalho da Saúde)

em nível Regional como está em projeto no Nacional e nos moldes da educação como na AEC, com pessoal liberado para programas e animar, a ser elo entre CRB e CNBB, Secretaria de Saúde, etc.

Reciclagem e formação contínua para religiosos e leigos da área da Saúde em conjunto com a COREN. Que haja reuniões com as coordenadoras locais com participação e não apenas se façam representar. Sugestão: humanização programada, periódica, de saúde preventiva, devido à rotação do pessoal.

### **Educação Sistemática**

Que os religiosos dedicados à pastoral educativa em colégios católicos promovam a AEC por todos os meios, adiram às suas atividades:

Participando dos Congressos e encontros regionais.

Integrando efetivamente os leigos nestas atividades.

Explicitando a filosofia da educação, operacionando sua metodologia com o fim de promover a solidariedade entre as Congregações dedicadas à Educação.

### **Pastoral Social**

Marcar presença no projeto de desfavorecimento desenvolvido pelo IPPUC, para todo o Paraná, em nível de mentalização e animação:

Levando os projetos ao conhecimento de todos os religiosos através dos núcleos.

Projetos de reeducação do menor abandonado.

Formar uma associação das Congregações, semelhante à AEC, que atuam no campo social no Paraná.

Montar o curso de formação de agentes para o ramo, para leigos, religiosos e padres.

Inserir-se nas promoções dos órgãos afins.

### **Pastoral Paroquial**

Cada comunidade paroquial confiada a religiosos deve assumir uma personalidade marcante e um dinamismo orientado pelo carisma próprio de cada Congregação que ali atua.

Os religiosos solicitem da CNBB um curso intensivo e específico para integrar os novos religiosos vindos de outras regiões sobre a realidade e o plano de trabalho (em nível diocesano e regional).

Solicitamos encontros de orientação para os campos de trabalho apostólico especial.

Gostaríamos fosse considerado pela CNBB o problema da justa remuneração das religiosas que atuam no campo pastoral.

### **Núcleos**

Que haja um intercâmbio dos núcleos entre si, como também do Regional com os Núcleos, por meio de visitas, envio de fluxogramas de atividades, circulares, etc., para entreajuda.

Apoiamos a transformação dos setores de Curitiba em três núcleos com seus sub-núcleos, com a estrutura bá-

sica dos demais núcleos do Regional Sul II, e de acordo com a realidade e peculiaridade locais.

## Formação

Seja meta prioritária durante o próximo triênio a Formação Básica Permanente.

Que as equipes de reflexão e formação sejam a nível de regional com o objetivo de:

Promover cursos e encontros para formadores.

Fazer levantamento da realidade da formação no Regional.

Dar informação bibliográfica e subsídios para os núcleos.

Em cada núcleo haja um responsável pela formação para um contato com a equipe regional e com a equipe de formação da respectiva Diocese.

## Faixa Externa

Que a CRB apoie a CNBB: na criação dos Centros de Animação Missionária (CAM) nas várias Dioceses do PR na criação de um Centro de Orientação Missionária (COM) Regional, a fim de preparar e acompanhar os vocacionados às missões.



## CATEQUESE E LIBERTAÇÃO

O temor e as restrições às várias teologias da libertação se resumem assim: A possibilidade de uma instrumentalização ideológica da fé religiosa e do evangelho cristão. A hipótese de se porem a serviço de uma tática política, de deixarem de ser uma derivação da mensagem e da esperança cristã. O ideal é sempre evitar dois extremos: O desinteresse pela problemática temporal de uma concreta emancipação histórica, reduzindo-a à dimensão mística de subjetividade religiosa e a substituição do anúncio do Reino de Deus pela proclamação de uma libertação como mera expressão liberal do estado de direito e dos direitos fundamentais da pessoa humana. A associação de libertação e salvação, emancipação e fé, esperança e história, não significa necessariamente a identificação de ambas as realidades. O reino da liberdade nem sempre coincide com o Reino de Deus. A comunidade eclesial deve aceitar a exigência de uma reforma profunda das estruturas, no sentido da promoção dos direitos fundamentais da pessoa humana e da superação das situações de opressão. Mas não deve esquecer a importância decisiva da conversão do coração para humanizar profundamente qualquer sistema. Neste sentido, o magistério pontifício reitera suas reservas com relação à não indiferença dos meios usados na promoção da libertação. A violência, particularmente armada, é considerada problemática, desaconselhável pelo Papa. **Pe. Felix Pastor, SJ**, Professor de Teologia na Universidade Gregoriana de Roma.

# ENTREVISTA

---

## RETIRO DE ALUNOS

Pe. Celso Sehn, M.S.F.  
entrevistou  
para Convergência

IRMÃO NERY, FSC  
Lassalista

---

Procuramos o IRMÃO NERY, FSC, conhecido religioso Lassalista, com uma larga experiência no campo da Pastoral Educativa no Instituto ABEL e na AEC/RJ, autor de vários livros de catequese, para que em sintonia com o Sínodo que se efetivou em Roma, sobre CATEQUESE, nos relatasse alguma das experiências que está realizando neste campo.

**Há um grande número de religiosos do Brasil engajados em Escolas. Sabemos que a Pastoral de Segundo Grau é muito difícil. O que há em seu Colégio sobre este assunto?**

Para o anúncio de Cristo e de sua Mensagem aos 1.000 alunos do Segundo Grau do Instituto ABEL de Niterói, há as seguintes tentativas:

a) **Aula de Religião**, cada quinze dias, com divisão de cada turma (52 alunos) em dois grupos, um pa-

ra cada professor de Religião. É bom esclarecer que grande parte dos alunos freqüentam nossa escola desde as primeiras séries do Primeiro Grau, portanto recebem aulas de religião há bastante tempo. No Segundo Grau, utilizamos o horário escolar, mas modificamos o método. Quanto conteúdo o elaboramos, levando em consideração: as solicitações dos alunos, o calendário litúrgico, e dados que o Setor de Educação Religiosa (SER) acha necessários dentro da programação sequencial de Educação da Fé dos alunos da Escola.

b) **Celebrações periódicas**, para cada turma, com finalidade de vivenciar sob mais orientação didática, a oração, a penitência e sobretudo a Eucaristia.

c) **Mensagem escrita**: circulares, folhetos, cartazes... com a finalidade de colocar o aluno permanentemente frente a interpelações ao nível da fé: textos, frases, cartazes...

d) **“Integração com as disciplinas escolares”**. Para isso, há um esforço de preparação dos professores, com vistas a perceberem e a fazerem os alunos perceber a integração dos valores do Evangelho com o conteúdo que os alunos estão estudando nas várias disciplinas. O contato constante da Equipe de Pastoral do 2º Grau com os professores é o meio para acompanhamento da programação e encaminhamento de orientações e subsídios para a integração. Com certa freqüência há trabalhos extras, junto com os professores das disciplinas para aprofundamento com os alunos de temas suscitados no decorrer do período.

e) **“Aconselhamento individual”**. Os três integrantes da Equipe de Pastoral de 2º Grau, um Sacerdote, um Irmão e uma Leiga, se dedicam também ao trabalho de contato mais pessoal tanto com os jovens que espontaneamente o procuram, como com os outros, chamados especificamente para orientação, seja a partir do que se notou nos contatos em sala, seja a partir de referências trazidas por professores ou pais.

f) **“Grupo-Jovem”** é uma atividade extra-classe, para voluntários, uma vez por semana com duração de duas horas de reunião em estilo muito informal e com muita dinâmica de grupos. Além da finalidade de amizade, aprofundamento de temas escolhidos pelos próprios jovens, há engajamento em obras de promoção humana.

g) **Retiro de alunos**, também para voluntários somente, acima de 15 anos, após devidos esclarecimentos, seleção e preparação.

h) **“Apostolado Jovem para Jovem”**. Os alunos do Grupo-Jovem e os integrantes dos Retiros têm atuação explícita junto aos colegas: visitas, diálogos, escritos, convites...

**Pelo que se sabe, o RETIRO DE ALUNOS promovido pelo Colégio está recebendo excelente acolhida e tendo bons resultados. Seria bom para nossos leitores um resumo desse projeto.**

Ir. Nery: Por enquanto, fazemos apenas dois Retiros por ano. Nosso tipo de Retiro é bastante complexo, exigindo uma infra-estrutura muito grande e somos poucos para o que exige. Como já mencionei, é apenas para voluntários, acima de 15 anos, preferentemente jovens de 2ª e 3ª séries do Segundo Grau. Eis as principais etapas:

a) **PREPARAÇÃO** (três meses)

Um mês para conscientização de todos os alunos e para inscrição prévia. Oferecemos 70 vagas, mas ao Retiro deverão ir no máximo 56.

Um mês para ENTREVISTA PESSOAL com os inscritos. Meia hora para cada um. A entrevista escrita versa sobre os três objetivos básicos: ENCONTRO CONSIGO; COM O OUTRO; COM DEUS.

Neste mesmo mês (portanto um mês antes do Retiro) há a primeira Tarde de Preparação (T.D.P.) constante de duas horas e meia. Uma hora para Dinâmica de Conhecimento; intervalo; uma hora para levantamento de dados: “O que ouviram de

positivo e de negativo sobre os Retiros anteriores; por que desejam fazer o Retiro; temas importantes para o Retiro, já que escolhemos ter tempo para nós". (Grupos, Plenário, Cantoria, Avisos. . .)

Quinze dias antes do Retiro, acontece a segunda tarde de preparação, a Tarde da Amizade (T.D.A.). Também duas horas e meia de duração. Através de dinâmica própria estuda-se o tema e vivencia-se a amizade. Conclui-se a tarde com uma pequena celebração. A meditação sobre a Amizade é apoiada numa coleção especial de slides.

Noite de véspera (N.D.V.). São três horas de reunião na véspera do Retiro. O tema: **VISÃO PANORÂMICA DO HOMEM INTEGRADO** (P.H.I. Pessoa Humana Integral).

Ainda: ao longo dos meses de preparação, os jovens recebem duas circulares espaçadamente: uma por ocasião das Entrevistas, esclarecendo a finalidade do Retiro, com indicações práticas; a segunda, convocando definitivamente e dando os avisos finais. Esta é entregue alguns dias antes do Retiro.

b) **RETIRO** (realização) três dias intensivos. Normalmente a saída é numa sexta-feira ao redor das 16h. Os jovens são levados para uma casa apropriada, em Araruama, a **CASA ABEL**. O Retiro continuará até o domingo à noitinha, com chegada, prevista no Colégio por volta das 20h. Eis resumidamente o conteúdo e dinâmica dos três dias:

1. **SEXTA-FEIRA (1º dia)**, mais a preparação anterior temática base:

**ENCONTRO CONSIGO E COM O OUTRO.**

A chegada na Casa de Retiros: 18h. Término das atividades do primeiro dia, 23h. Técnicas: dinâmica de grupos, papo a dois, deserto, cantoria, expressão corporal-relax. . .

Após a chegada, ocupação dos quartos, há rápida reunião geral para: Avisos sobre a casa, o horário, distribuição de algumas tarefas e encargos (responsável pelo horário, pela enfermaria. . .). Contam-se duas "historinhas" importantes para ajudar a criar o clima de retiro: a história da maçaneta e a história do Trator. Feitas as devidas aplicações, passa-se ao jantar, seguido de tempo livre.

O primeiro grande tema de estudo: **A PESSOA HUMANA NO MUNDO**. Palestra, papo a dois, grupo. . . intervalo. O segundo tema: **FILME DA VIDA** (auto-análise a partir da parábola do Filho Pródigo). Dá-se orientações para a dinâmica do encontro consigo em maior profundidade. Após a palestra há o grande deserto do início do Filme. A seguir, os jovens são preparados, mediante expressão corporal e relax, para continuar à noite o Filme da Vida e ter um descanso realmente restaurador.

2. **SÁBADO (2º dia)** — Temática base: **ENCONTRO COM DEUS**.

Levantar às 6,30h. Término do dia, 23h. Inicia-se com a oração da manhã a partir da história de **ZAQUEU** e da prece "Senhor, no silêncio deste dia que amanhece". Há o café e as fotos.



De 8h. às 11h. — três horas de estudo sobre JESUS de NAZARÉ. Levantamento de dados, cantos, pesquisa bíblica, grupos, plenário, palestra, deserto. A partir de Jesus, dão-se algumas pistas sobre o Pai e o Espírito Santo.

Recreação: das 11h às 12,30h: jogos, praia. . . Depois, preparação para o almoço que é às 13h. Tanto no café da manhã como no almoço há prece, pensamentos na mesa e crachá de mesa para misturar bem o pessoal nas refeições.

À tarde: cantoria depois do almoço. A seguir "O QUE JESUS QUER DE NÓS (Vida Cristã) Pesquisa bíblica de algumas passagens chaves, a partir das quais se dá uma visão da Vida Cristã. Cada grupo após o estudo e interiorização da passagem, apresenta a sua reflexão de forma dramatizada. Duas horas de trabalho. Os textos são: A videira (Jo 15,1-10);

— Os Talentos (Mt 25,14-30); A Lei Fundamental do Cristão (Jo 13, 34-35; 1º Cor 13,1-13; 1ª Jo 4,7-21); o Juízo Final (Mt 25,31-46); A ambigüidade: pecado-graça (Gál 5,16 a 6,10); A Comunidade Cristã Referencial (At 2,42-47 e 4,32-35); O Encontro com Jesus hoje (Lc 24,13-35); A lição de Tomé (Jo 20,19-29).

Após o intervalo e cantoria há o estudo dos SACRAMENTOS, apoiado nos cartazes produzidos pelas Paulinas, na canção sobre os Sacramentos (Pe. Zezinho) e a partir do Cristo Jesus "sacramento primordial" e Igreja-sacramento do Cristo. . .

Os jovens são convidados a vivenciarem à noitinha o SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO (celebração comunitária da Penitência com motivação para aproveitarem da oportunidade do Retiro para uma confissão individual, melhor preparada.

Após intervalo e jantar, há uma animação-recreação para amenizar a carga do dia e preparar para o restante das atividades:

Um papo a dois ou grupos. "Missa catequética" toda bem explicadinha e vivenciada. Após a Missa, tempo livre.

A última atividade é ORAÇÃO DA NOITE, preparada com a finalidade também de ensinar a orar a partir das realidades que nos cercam. O texto referencial é a ORAÇÃO DA VELA e a canção do Irmão Nery "Oração da Noite". Há no momento final, a preparação para o descanso com utilização de técnicas apropriadas, conduzentes ao grande silêncio.

### 3. DOMINGO (3º dia) — A VIDA À LUZ DA FÉ CRISTÃ

Levantar às 6,30h. Término do dia às 21h., na volta ao colégio. Saída de Araruama às 17,30h. Começamos o dia com a ORAÇÃO DA MANHÃ a partir de uma mini-meditação sobre "Orar", como aplicação, a Oração de São Francisco. Depois há café, intervalo. As atividades vão de 8h às 11h. pela manhã.

Uma interação grupal e cantoria na sala, dão início a trabalhos de grupo visando harmonizar a visão cristã com o dia-a-dia: família, amizade, namoro, estudos. . .

O trabalho de grupo desemboca na palestra: **A FAMÍLIA NOVA QUE AQUI ESTÁ NASCENDO**, dada por um casal, que tenha filhos adolescentes. Trocas de idéias e intervalo.

O Segundo tema é **ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA O JOVEM CRISTÃO**, reflexão sobre o desenvolvimento afetivo e a descoberta do sexo.

Às 11h há novamente intervalo-recreio até 12,15h. Entretanto, o tempo é ocupado com a técnica: **CORRESPONDÊNCIA** (cartinhas mandadas por amigos, e bilhetes que uns para os outros se escrevem no momento). Depois do banho há o almoço com um show-mensagem dos jovens da Equipe-Renovação-Serviço. Após o Almoço, tempo livre.

À tarde: cantoria, trabalho sobre o que fazer com tudo o que ali no retiro se viveu: (papo a dois, grupo). Intervalo, preparação de mala. **PALESTRA sobre ENGAJAMENTO DO JOVEM PARA CONTINUIDADE**, avisos. Conclui-se a tarde com uma Oração de Despedida na Capela e um lanche. Às 17,30h. saída de ônibus de volta ao Colégio.

Chegada ao Colégio às 19,30h. Reunião numa sala de aula para apresentação dos integrantes da Equipe Externa-Serviço e entrega por eles de um crucifixo. Às 20h acontece a Missa de Encerramento com a presença dos pais e amigos. Estes estiveram reunidos antes para uma palestra especial sobre o Retiro e como dar apoio aos jovens. Não há testemunhos na Missa.

**O que envolve como infra-estrutura e organização um projeto como este?**

Bem, para levar a efeito este **Projeto** complexo e exigente, a **EQUIPE DE PASTORAL** se faz assessorar por professores, pais e muitos jovens que já vivenciaram o Retiro. São organizadas três **EQUIPES DE APOIO**.

a) **EQUIPE DE MONITORIA-INTERNA** — umas 16 pessoas: metade de jovens e metade de adultos para se ter em cada Mini-Grupo (8) de alunos no retiro dois monitores. Além disso, colaboram com uma série de atividades junto aos jovens do retiro. As palestras ficam com os adultos. Os jovens interferem com mini-estorinhas nos momentos propícios, e ajudam na liturgia, nos dormitórios, nos grupos, na cantoria, nos intervalos. . . Durante três meses estes jovens e adultos escolhidos são preparados com reuniões especiais: oração, estudo da dinâmica do retiro, estudo dos assuntos, distribuição de tarefas. . .

b) **EQUIPE DE RENOVAÇÃO-SERVIÇO** — Há uns 20 jovens que já fizeram o retiro anteriormente e que são levados para um 2º Retiro de Aprofundamento nos mesmos dias e local, ao mesmo tempo dando uma assessoria de serviço aos empregados da casa: serviço de refeitório, dormitório, etc. A temática desse retiro envolve **BATISMO, EUCARÍSTIA, COMPROMISSO CRISTÃO NA LIBERTAÇÃO, MARIA, ORAÇÃO**. Estes jovens têm poucas atividades junto com os do Retiro (recreios, Confissão comunitária e Missa). No mais, fazem

tudo separadamente, com dinâmica própria. Durante três meses antes, estes jovens têm reuniões de preparação, pois os temas e a dinâmica ficam quase que totalmente sob a responsabilidade deles mesmos. O trabalho na **RENOVAÇÃO** é assumido como oração.

c) **EQUIPE EXTERNA-SERVIÇO** — A maioria dos integrantes desta equipe é formada pelos participantes do último retiro realizado pela escola. Durante três meses eles participam de reuniões de oração e de trabalho, preparando o material necessário (crachás, cartazes, pensamentos. . .). Durante o **RETIRO** eles têm: na 5ª-feira na Noite de Véspera: Noite de oração, junto com os da Renovação. Na sexta-feira, na saída dos ônibus, há a cerimônia do **BOTA-FORA** e a seguir uma **hora de oração** na capela. Em seguida, em caravanas, visitam as famílias dos alunos que foram para o retiro para explicações, convite para que escrevam mensagens e para que compareçam à **REUNIÃO DE PAIS** e à **MISSA DE CHEGADA**. No dia seguinte, sábado, há a jornada de **REFLEXÃO-APROFUNDAMENTO**, num sítio. No domingo, há a oração da chegada: reunião com os jovens ao voltarem do Retiro, a quem dão um crucifixo de lembrança e participação na Missa.

### — O que é feito após o Retiro?

Por três domingos consecutivos realizamos tardes de aprofundamento. No primeiro: **HISTÓRIA DA SALVAÇÃO**. Junto com o tema há um estudo do livrinho do Pe. Zezi-

nho: "Um Cristo para os seus amigos" e reflexão sobre dia-a-dia. No segundo: **COSMOVISÃO À LUZ DA FÉ**. No terceiro: **O CRISTÃO ENGAJADO NA IGREJA E NA LIBERTAÇÃO**. Após estes três domingos há, para os voluntários, constituição dos chamados **GRUPOS DE VIVÊNCIA** baseados no esquema: Oração, Estudo, Ação, na unidade da Fraternidade. Todos são convidados ainda para duas atividades importantes: **EXPERIÊNCIA DE TRABALHO DE PROMOÇÃO HUMANA** (orfanatos, asilos, creches, hospitais) e uma **JORNADA** de reflexão, avaliação e prospectiva. Os jovens recebem incentivos para participação semanal na liturgia e leitura progressiva de livros recomendados. Para os que manifestam maiores aspirações de compromisso, faz-se um trabalho de linha vocacional e de compromisso com o ministério da Palavra. O compromisso de ajuda nos próximos retiros serve também como meio de aprofundamento.

### Há alguma avaliação?

A Equipe de Pastoral se reúne periodicamente para avaliar, ou seja, acompanhar e corrigir trajetória. Como somos apenas uns poucos, e não temos somente o **RETIRO**, mas todo o restante da Pastoral do Segundo e grande parte da Pastoral do Primeiro Grau, preocupa-nos especialmente:

a) Saber se a "**PREPARAÇÃO, REALIZAÇÃO e ACOMPANHAMENTO**" para cada grupo de participantes do Retiro está sendo bem feita. Reconhecemos que há neces-

cidade de melhoria sobretudo no tocante à terceira etapa, a mais difícil: o **ACOMPANHAMENTO**. Resolvemos em parte com o que relatei no item acima. Entretanto, dois problemas bem sérios nos inquietam sobremaneira:

**A FACULDADE.** Há pouco ainda de pastoral universitária. O impacto do meio-ambiente universitário é forte para o jovem que recebeu uma certa dose de visão do Homem e do Mundo segundo o Plano de Deus. . . Nossa Associação de Ex-alunos não está preparada para tal Pastoral.

**A PARÓQUIA.** Sabemos que a Escola é uma etapa na vida do jovem. Precisamos de um engajamento mais estável. Entretanto, nas cidades grandes, sabemos das dificuldades de atendimento específico para jovens nas paróquias. E por aqui a Comunidade Eclesial de Base não recebeu suficiente impulso. Os movimentos de Igreja, para depois do Segundo Grau, têm dificuldade em absorver jovens que tenham participado de outros movimentos, limitando-se a trabalhar com os que começam ali dentro.

**Em relação ao grupo, há mais alguma dificuldade? Quais são os resultados positivos?**

A existência de um certo impacto entre a visão cristã do Homem e do Mundo com a realidade do dia-a-dia. Nosso retiro é na verdade um **MINI-CURSO INTENSIVO** (chamamos mesmo de Mobral da fé cristã). É bem objetivo e doutrinal. Não há testemunhos de convertidos, nem

jovens dando palestras (achamos que há sério perigo de auto-promoção, transformação em ídolos. . .), não há capela escura, nem cozinha fechada com show-impacto, nem confissão e missa muito emocionais e a Missa de chegada é uma Missa dominical de jovens, sem testemunho do que aconteceu no Retiro.

Há um grande crescimento de amizade no grupo, e uma alegria contagiante como consequência de tudo. Entretanto, o **DESPERTAR DA RELIGIOSIDADE**, meio embotada, e uma **VISÃO ESCLARECIDA** de alguns dados rudimentares da fé, **PROVOCAM UM CHAMADO BATANTE FORTE**. Os valores do Evangelho são apresentados e temos medo e para isso tentamos preparar para a **REALIDADE DE UM MUNDO** em profundo desacordo com o Evangelho. Por mais atentos que sejamos, há sérios conflitos entre o chamado à autenticidade da vida cristã e os apelos do mundo. Conseqüentemente há muito a melhorar para ajudar no tempo do Acompanhamento com vistas ao amadurecimento no confronto com o dia-a-dia, numa espiritualidade de "diáspora".

O clima-ambiente na escola. Faz-se um bom trabalho para que todos os alunos e professores conheçam e apoiem o projeto do Retiro. Podemos melhorar o engajamento dos professores, o que julgamos de grande importância, pois eles têm um contato permanente com os alunos. Os alunos, que há mais tempo fizeram o retiro, colaboram bastante na criação de clima propício aos novos. Os Pais recebem a visita dos da

Equipe Externa-Serviço, têm reuniões e recebem circulares. Temos notado que muitos pais, depois do Retiro dos filhos, procuram algum Movimento de Igreja para Adultos.

Os jovens. São de 16 anos em diante. Eles têm uma carga muito grande de compromissos no Segundo Grau: estudos, laboratório, profissionalizante, outros cursos extras como inglês, música, ginástica, judô. .. São jovens de classe média e rica. A Equipe de Pastoral frequentemente comenta o fato de o número de candidatos ao Retiro crescer e o fato de estes jovens dedicarem tanto tempo (antes, durante e depois) a esta busca de fé, engajando-se depois nos Retiros subseqüentes e em várias atividades propostas. Há realmente muita generosidade. Nota-se, portanto, muita sede de Deus e de compromisso em prol do outro. Nosso principal problema não se encontra no lado dos jovens — apesar de sua instabilidade, confusão, conflitos existenciais, falta de discernimento. . . — mas, no lado dos . . . . ADULTOS, ou seja AGENTES DE PASTORAL, não só bem preparados, mas com DISPONIBILIDADE para os jovens, que são naturalmente absorventes. Agentes, não os há e os que a isso se dispõem são precisamente os mais sobrecarregados.

### **Mais algum dado importante?**

Sim, não falei da MISSA DE CONSAGRAÇÃO (ou de entrega) que os componentes das três Equipes de Apoio celebram uns dias antes do Retiro, entregando-se à graça de Deus para o bom desempenho do Apostolado pelo Retiro. Há também

a entrega de um NOVO TESTAMENTO para cada jovem no segundo dia do Retiro e os principais temas estudados são apostilados.

Sei que há outros fazendo excelente trabalho junto aos jovens nas escolas oficiais, nas escolas católicas e fora das escolas. Acho bom que CONVERGÊNCIA — revista dos religiosos para os religiosos — periodicamente traga alguma experiência de Pastoral nos vários campos em que os religiosos estão engajados. O que relatamos parece complicado e confessamos que o é, além de acarretar uma despesa bastante grande, ao redor de Cr\$ 300,00 por jovem. Entretanto, a tentativa de levar a sério o Evangelho e o jovem, levando-se em consideração as possibilidades daqui, é que nos impulsionou a levar a efeito este projeto, com 3 anos agora.

### **O Retiro de Alunos tem algo em comum com outros movimentos de jovens, na Igreja?**

A organização dos Retiros de Alunos do Instituto ABEL tem muito dos esquemas dos Movimentos de Juventude tipo TLC, EMAÚS, ENCONTRO. . . Mas não chega a ser um Movimento. E os jovens são incentivados, a partir deste primeiro retiro, a fazer anualmente, pelo menos um retiro. Há maior ênfase em ligar-se ao Senhor e à Comunidade-Igreja, do que a movimentos passageiros. Estes, bem como retiros, cursos, conferências. . . são meios que, aliados a outros, devem ser aproveitados para a alimentação da fidelidade ao Senhor e maior segurança no Apostolado.

---

# EVANGELIZAÇÃO, INSTITUIÇÃO, CATEQUESE

---

**Pe. Agostinho Castejón, S.J.**  
Belo Horizonte, MG

*A catequese supõe, por sua própria natureza, uma sistematização do conhecimento religioso; uma comunicação progressiva da mensagem num trabalho árduo e perseverante.*

As considerações que seguem representam mais a tentativa de colocação geral de um problema, o "status quaestionis" do que uma tentativa de resposta geral à problemática suscitada pela catequese na educação formal. Isto não apenas por causa das limitações de tempo e espaço, mas porque, a realidade é complexa demais para ser reduzida a umas poucas linhas. Prefiro considerar estas páginas como a simples partilha de algumas reflexões gerais e não muito bem alinhavadas em torno de um tema amplo e permanente, agora trazido a um primeiro plano por ser o tema central do Sínodo dos Bispos em Roma.

Tento também propor algumas pistas de possível caminhada, nascidas de uma limitada experiência de professor e de alguma reflexão com grupos de pessoas engajadas na pastoral catequética em Instituições Católicas. Naturalmente estas reflexões estão sujeitas à crítica, principalmente daqueles que vivem toda a complexidade de um trabalho de catequese numa estrutura de educação formal.

Não existem em catequese receitas prontas ou soluções feitas, mesmo porque todo o processo catequético — aliás como qualquer outro processo educativo, ou mais que

qualquer outro — baseia-se fundamentalmente no mistério do relacionamento interpessoal. E não existe metodologia formal ou teoria pedagógica ou catequética que venha a substituir a vivência interpessoal ou a empatia pedagógica.

As colocações que seguem restringem-se ao campo da catequese na educação formal em Instituições Católicas, não apenas por uma necessidade de limitação do tema, mas por simples falta de experiência pessoal suficiente para opinar em outros campos de educação formal ou não formal.

## I. Teorização e Prática

Existe um perigo, e talvez uma tendência bastante generalizada, a simplificar as situações ou realidades que são complexas por natureza, uma tendência a teorizar as situações, os relacionamentos humanos, e até as próprias pessoas. Estas simplificações, geralmente feitas por pessoas que não vivem inseridas na complexidade de uma determinada realidade, tendem a levar a posicionamentos radicalizados, a afirmações contundentes, e à proposição de soluções lineares e mágicas. Talvez nós, religiosos e pessoas ligadas à Igreja, formados numa mentalidade acadêmico-filosófica, corremos este risco mais facilmente que outros grupos sociais.

**Evangelização, Instituição e Catequese** são três palavras que não indicam apenas conceitos. Quando trazidas do mundo das palavras ou das

idéias para a arena das realidades, transformam-se em pessoas que convivem e tentam construir alguma coisa; em pessoas que buscam caminhos mais adequados para transmitir uma mensagem; em pessoas a braços com um mundo de influências, valores e idéias sutilmente propagadas pela sociedade em que convivem. Quando se fala em **Evangelização, Instituição e Catequese** eu não vejo prédios ou metodologias, idéias, conceitos ou livros. Eu vejo pessoas em ação ou, melhor, em interação. Pessoas, às vezes, perplexas diante das dificuldades que encontram, e ainda diante das críticas ou mesmo das soluções simplistas e contundentes apresentadas por pessoas de projeção intelectual ou hierárquica sem o conhecimento vivencial da realidade catequética ou institucional.

Se houver algum caminho a ser trilhado, este terá que ser descoberto na própria busca das pessoas engajadas no trabalho catequético institucional. Os subsídios, que podem e deverão vir de outras áreas, somente serão válidos na medida em que levarem em consideração a práxis dessas pessoas que vivem o problema em toda sua complexidade, e na medida em que os ajudarem a reformular progressivamente os processos catequéticos.

Neste sentido, as Instituições deveriam incentivar o máximo intercâmbio possível, dentro ou fora da própria estrutura. É preciso reconhecer que o caminho não é fácil, e que a troca de experiências e o estudo em comum são os fatores mais significativos de enriquecimento.

## II. Instituição Educacional e Evangelização

Houve um tempo em que a Instituição era considerada na Igreja como o meio normal de canalização e potenciação das forças ativas disponíveis para uma ação evangelizadora. Construíam-se Colégios, Hospitais, Orfanatos, etc., na medida em que houvesse recursos materiais e pessoal religioso disponível, partindo do princípio — pacificamente aceito — de que a Instituição era o melhor meio de otimizar recursos, mesmo que no processo fosse necessário sacrificar a atuação de algumas pessoas em funções técnico-administrativas.

Essa concepção tranqüila da Instituição é sujeita hoje a uma variedade considerável de análises, em todas as suas dimensões: desde a revisão de obras de uma Diocese ou Província Religiosa em função da redução de forças disponíveis, até as análises críticas mais ou menos objetivas, que chegam ao extremo de culpar a Instituição por todo os pecados da vida passada.

Existem hoje pessoas na Igreja que consideram as Instituições Católicas como remanescentes arcaicas de uma época triunfalista ou constantiniana. A Instituição Católica seria um obstáculo não apenas ao desenvolvimento pessoal dos religiosos, mas também um obstáculo a uma verdadeira evangelização engajada e libertadora. Neste sentido, o atual esvaziamento das Instituições, que contam cada vez mais com um número cada vez mais reduzido de religiosos, seria um “sinal dos tempos”, apontando

para a necessidade de buscar outras formas de inserção da Igreja e dos agentes de pastoral no mundo.

Sem entrar numa discussão detalhada das diversas atitudes existentes, ou numa análise dos méritos das diversas posições com relação à Instituição Escolar Católica, creio que se pode afirmar que ela não é, em si mesma, nem a fórmula única de canalização de recursos humano-religiosos, nem pode ser reduzida à categoria de bode expiatório de todos os desvios e problemas do passado.

É verdade que a Instituição (educacional, hospitalar, assistencial, paroquial, etc.) corre o risco sério de transformar-se em veículo de valores da ideologia dominante, mesmo através de sua ação explicitamente catequética ou assistencial, ou de sua ação de pretendida pureza espiritual ou caritativa. Neste sentido podemos dizer que a Instituição Católica, seja qual for a sua natureza, é “perigosa”; entre outros motivos, porque desde o momento em que um impulso dinâmico é estruturado em forma de instituição, corre-se o risco de esclerosamento; corre-se o perigo de servir a interesses ou ideologias não explicitados, mas muito reais.

**A Instituição Católica será válida na medida em que ela estiver realmente a serviço dinâmico da Evangelização,** entendida no sentido mais amplo da palavra, que inclui, mas não se esgota na catequese. Parece-me importante esta afirmativa em termos de valorização da Instituição ou do trabalho institucional no seu justo peso.



Às vezes, as próprias Congregações Religiosas pensam em suas Instituições como estruturas montadas com a finalidade de poder dar aulas de educação religiosa, ou de poder “ensinar” a doutrina cristã. É uma finalidade parcial, mas não a **finalidade** da Instituição. Eu não creio que se justifique a enorme inversão de recursos materiais e humanos com o objetivo de conseguir uma oportunidade de dar algumas aulas de educação religiosa. Se fosse esta a **justificativa** da existência da Instituição, seria perfeitamente razoável o abandono da Instituição escolar em busca de outras formas de catequese. Para que montar toda essa estrutura própria se essas mesmas aulas podem ser ministradas em colégios ou universidades do Estado?

### III. Instituição e Catequese

Quando falamos na problemática da catequese na educação formal, facilmente confundimos problemas decorrentes da própria natureza da catequese em si mesma, com problemas próprios da educação formal em geral, ou da educação em escolas católicas em particular.

#### a. Kerygma e Catequese

Existe uma diferença entre o anúncio kerigmático e jubiloso da Palavra, e a consolidação desse mesmo anúncio numa catequese continuada. Ambos têm sua metodologia e suas dificuldades específicas. A catequese supõe, por sua própria natureza, uma sistematização do conhecimento religioso, e uma comunicação progressiva da mensagem, num trabalho árduo e perseverante,

tanto da parte do educador como do educando na fé.

É claro que não se identifica com uma programação metodológica de um curso de física ou de matemática abstrata, porque a catequese sempre envolverá a vida das pessoas, e envolverá igualmente o mistério da fé e o crescimento na mesma. No entanto, a catequese exige uma metodologia própria, uma perseverança que facilmente degenera em rotina, um acompanhamento continuado, sujeito às flutuações de altos e baixos no nível de interesse, de cansaço, de relacionamento humano entre o educando e o educador.

Os movimentos eclesiais de cunho kerigmático para jovens (TLC, CJC, Emaús, Shalom, Escalada, etc.), ou para adultos, vêm percebendo nos últimos anos que a euforia religiosa de um encontro de dois ou três dias pode produzir apenas a ilusão passageira de uma conversão e mudança radical de vida, e de uma adesão total ao Cristo, se ele não for seguido de um acompanhamento posterior aprofundando as idéias apresentadas no encontro intensivo. Os responsáveis por esses movimentos já tomaram consciência de que é essencial o acompanhamento posterior, o esforço de catequese de maneira mais ou menos metódica.

Ao mesmo tempo, sentem como é difícil manter um nível de frequência e de interesse e participação ativa nas chamadas escolas de dirigentes, reencontros ou cursos de aprofundamento. Não é difícil organizar seus encontros intensivos mais ou menos rigidamente estruturados, onde é jubilosamente anunciada a

Boa Nova. Por outro lado, creio que se pode afirmar que todos eles encontram sérias dificuldades (de pessoal, de perseverança, de participação, de rotina...) quando partem para a etapa posterior de consolidação do trabalho iniciado no encontro.

Em certa forma, essa realidade está esvaziando um pouco a euforia da primeira hora em favor desses movimentos, quando chegaram a ser considerados por alguns como a opção ideal ou a alternativa em substituição aos Colégios católicos.

### **b. Catequese vivencial ou catequese doutrinária**

Uma questão paralela poderia ser definida, no linguajar dos movimentos de Igreja, na alternativa entre uma catequese vivencial ou uma catequese doutrinária; teologia sistematicamente organizada, ou questões teológicas que vão sendo exigidas pela vivência das pessoas. Esta questão implica o problema do ponto de partida de uma programação catequética e da focalização geral da catequese. Deve-se partir da experiência de vida do adolescente ou do "aluno" para tentar oferecer-lhe a oportunidade de ir descobrindo aí a dimensão cristã da vida, ou partir de um embasamento completo de doutrina cristã, para que ele possa focalizar a própria vida à luz dessa doutrina?

Pode parecer uma distinção primária de poucas conseqüências práticas. No entanto, as duas tendências existem, de maneira bastante acentuada, em catequese e até na própria formação teológica especializada. E todas duas correm seus riscos

próprios. A primeira corre o risco de reduzir as aulas de catequese a sessões de convivência ou psicologia, relacionamento, namoro, etc... com alguma conotação religiosa; a segunda corre o risco de dar ao aluno uma doutrina que ele não está interessado em receber no momento, e que, portanto, pode cair no vazio.

Pedagogicamente falando, pode-se dizer que a mensagem (catequética ou de qualquer outra natureza) somente é significativa na medida em que ela encontrar um eco de interesse no receptor ou recebedor. E temos aqui um dos problemas cruciais de qualquer metodologia pedagógica: o problema da motivação que nasce de dentro. Pode-se até "forçar" um aluno a "participar", a "prestar atenção", a "aprender" qualquer conteúdo programático, por meio de pressões mais ou menos violentas, mas sempre extrínsecas: notas, castigos, prêmios... O educador catequista precisa de muita sensibilidade para não lançar mão de recursos de motivação opressora amplamente aplicados em nossas escolas nas outras disciplinas — mesmo quando encobertos sob a aparência de atitudes paternas.

O perigo da manipulação ou da opressão torna-se muito mais sério na catequese do que em outras áreas de ensino, porque ela pode vir a destruir com fatos e atitudes tudo aquilo que vem expresso em palavras e intenções. Deve-se notar, no entanto, que esse perigo de opressão velada ou de tentativa de manipulação dos recebedores, aparece em formas e manifestações diversas, mas não menos reais, nas metodologias dos movimentos acima mencionados.

No fundo, a opção entre catequese vivencial ou doutrinária está intimamente ligada com dois aspectos pedagógico-catequéticos: — De um lado, a questão da descoberta dos verdadeiros pontos de encontro entre a fé e a vida pessoal e social do aqui e agora; — por outro lado, o problema da descoberta dos ressortes de motivação interna que possam despertar o aluno para uma busca pessoal de maior conhecimento e vivência no campo religioso.

Às vezes encontram-se catequistas que, alegando a necessidade de trazer a programação ou conteúdo à vida do adolescente, decidem não optar por livros de texto ou por qualquer programação previamente elaborada: “Os alunos é que decidem o tema do dia.” Entre as duas possíveis atitudes extremas (“catecismo ou vida”) é necessário encontrar o caminho da fé que é vida, e da vida que, em todas as suas dimensões, vai sendo impregnada por uma fé que é progressivamente conhecida através da catequese.

Não seria questão de uma preferência pelo caminho intermédio (“in medio virtus”), que representaria uma forma de indefinição. Pelo contrário, esta colocação implica numa opção aberta pelas duas alternativas simultaneamente, sendo que o mundo concreto do aluno (não apenas seu mundo emotivo ou de interesse imediatistas) teria que ser o ponto de partida, o ponto de referência e o ponto de chegada de toda a catequese, que necessariamente deve ser doutrinal. Isto não significa, de forma alguma, que o conteúdo catequético deva ser escolhido à mercê dos caprichos volúveis do adolescente numa espécie de IBOPE semanal.

### c. Catequese e ideologia

As questões que surgem em torno da atividade catequética na Instituição educacional católica poderiam ser examinadas de muitas formas. Numa nova aproximação, podemos constatar que na própria apresentação da mensagem catequética (conteúdo selecionado, metodologia, exemplos e aplicações, etc.) pode haver, e de fato há — mesmo quando não conscientemente reconhecida, ou quando positivamente negada — uma dimensão de opção ideológica.

Pode-se observar esta opção, indiretamente, através de certos tipos de reação de pessoas mais ou menos diretamente envolvidas (pais, padres, bispos, etc.) que se manifestam, talvez em função de certas expectativas previamente estabelecidas, em função de reações primárias, ou até em função de opções ideológicas mais ou menos conscientes. Estas reações, não raro, são formuladas em frases mais ou menos semelhantes a estas:

“Hoje os Colégios Católicos não ensinam mais religião. Ficam ensinando sociologia, sexo, luta de classes...”

“Deveriam ensinar religião e deixar a política para o governo”.

“É preciso voltar a ensinar catecismo nos Colégios. É inconcebível que um aluno saia do Colégio Católico sem saber quantos são os sacramentos, ou quais são os mandamentos, ou sem saber o credo...”

“Minha filha completou 14 anos e deixou de ir à Missa. Diz que vai quando sentir vontade. Foi isso que aprendeu no Colégio de Irmãs?”

São perguntas ou afirmações genéricas que estão aí, no ambiente da sociedade, formuladas por pessoas dos mais variados níveis, desde o pai industrial, que se diz católico mas não pratica a sua religião, e sente na carne certos questionamentos de seu filho referentes a desníveis sócio-econômicos, até o Bispo sinceramente preocupado com a transmissão da mensagem cristã em sua "pureza e integridade".

São geralmente afirmações generalizadas que, podem ter sua razão de ser em determinados casos, mas que na maioria das vezes decorrem de opções ideológicas, conscientes ou inconscientes, em favor de um neutralismo ou absentismo da religião em assuntos sócio-econômico-políticos, ou de uma concepção da fé como freio moralizante da sociedade. Com isto não pretendo justificar de maneira genérica as metodologias utilizadas ou os conteúdos apresentados na catequese das Instituições Católicas. Pelo contrário, creio que há sérias falhas. No entanto, não creio que seja válido esse tipo de generalização.

Parece-me importante observar que as opções pelo tipo de metodologia ou conteúdo da catequese são feitas normalmente em função de uma ideologia, ou no contexto de uma ideologia, mesmo — e talvez mais ainda — quando se opta por uma catequese "pura", "objetiva", de apresentação "apenas da doutrina autêntica."

Talvez uma das contribuições mais positivas da chamada Teologia da Libertação tenha sido esse alerta lançado à Igreja a respeito das implicações ideológicas de suas atitu-

des, suas tomadas de posição, suas linhas de pastoral, mesmo quando elas pretendem apresentar-se como "puramente evangélicas" ou "puramente espirituais".

Trata-se de um terreno em que nós, religiosos ou sacerdotes, não pisamos com muita segurança. Mas é necessário partir para uma análise séria de nossos programas, atividades e metodologias, em função de sua mensagem subliminar. Talvez seja uma das áreas em que o desafio à catequese formal, às Instituições e às atividades eclesiais em geral, é mais forte. Não podemos fugir desse questionamento, porque a própria decisão de não considerá-lo, já implica em si mesma uma opção.

#### **d. A Instituição e as linguagens verbal e não verbal**

A Catequese, na Instituição Educacional como em qualquer outro campo, utiliza amplamente a comunicação verbal como meio de transmissão da Mensagem. Há uma crescente busca de outros recursos de comunicação audio-visual, que não deixa de constituir um enriquecimento metodológico muito válido.

Mas existem outras vias de comunicação não menos importantes, e que geralmente são pouco consideradas nos estudos feitos sobre catequese ou evangelização, seja no contexto da educação formal, seja em qualquer outro ambiente catequético. Estamos acostumados a expressar-nos em palavras, e a colocar a comunicação verbal no primeiro plano da comunicação humana.

Uma reflexão sobre os princípios básicos da comunicação mostra, no entanto, que há inúmeras outras formas de comunicação humana que não são verbais e veiculam as mensagens até com maior eficácia e mais diretamente. São gestos, atitudes, símbolos, relacionamentos, etc. que dizem muito mais que as palavras, e que podem confirmar ou desmentir tudo aquilo que foi verbalizado.

Isto, que vale, sem dúvida para o relacionamento interpessoal, aplica-se igualmente ao que poderíamos chamar de "linguagem da Instituição". Neste sentido podemos dizer que a Instituição, em todas as suas dimensões, é uma forma de linguagem, um meio de comunicação que pode dizer ou desmentir a própria mensagem verbalizada na catequese formal da aula de educação religiosa.

O próprio prédio, sua localização, a decoração, a disposição das salas, corredores e pátios, constituem uma linguagem. A estruturação da comunidade escolar, as atitudes dos professores entre si, o clima de autoritarismo e receio ou de participação, a rigidez ou agressividade ambientais, o sistema disciplinar, os processos de avaliação, a forma de remuneração dos professores, o tipo de castigos aplicados, e inúmeros outros aspectos da Instituição escolar são outras tantas formas de linguagem não verbal, através das quais a Instituição escolar liberta ou oprime as pessoas; constrói comunidade, ou simplesmente junta pessoas num local de trabalho. São formas de expressão que confirmam ou contradizem tudo aquilo que é colocado na catequese formal.

**Pode existir inclusive uma escola com todo um currículo de cultura ou de educação religiosa muito bem montado, e ao mesmo tempo estruturada com uma linguagem institucional em aberta contradição com esse programa explícito.**

Talvez não seja um caso tão extremo ou tão hipotético quanto poderia parecer à primeira vista. Talvez nossas Instituições abafem, com frequência, na gritaria das linguagens não verbais, o sussurro da linguagem verbalizada nas aulas explícitas de cristianismo. Em todo caso, num grau maior ou menor, toda Instituição precisa viver em permanente processo de busca e conversão.

O importante é que a própria Comunidade Educativa tome consciência de que a própria vida da Instituição e a sua estrutura podem constituir-se em testemunho ou contrates-temunho, podem ser evangelizadoras e libertadoras ou simplesmente opressoras. A aula de educação religiosa será uma voz perdida no vazio se não encontrar o eco confirmador numa comunidade que luta permanentemente por sua própria conversão.

#### **e. A Aula de Educação Religiosa na Educação Formal**

Como conclusão do que foi dito acima, pode-se propor a seguinte afirmativa: Toda a Instituição deve-se orientar conscientemente para a criação de uma Comunidade Evangelizadora. Do contrário a catequese será apenas um apêndice insignificante na correria de horários escolares.

Freqüentemente, identifica-se na vida prática da Instituição a catequese ou evangelização com as aulas de educação religiosa incluídas no currículo com diversos títulos. Na realidade, reduzir a Missão evangelizadora de uma Comunidade Educativa a uma atividade específica de um ou dois períodos de 50 minutos por semana, representaria uma concepção muito precária dessa Missão. Caberia perguntar qual o sentido de uma aula de educação religiosa no contexto geral da atividade educativa da Instituição.

Em alguns casos, talvez não passe de uma espécie de desencargo de consciência institucional. Por ser uma Instituição Católica, sente-se na obrigação de ministrar essas aulas complementares. E uma vez incluídas no currículo e confiadas ao corpo docente que estiver disponível, a Instituição sente o alívio da "missão cumprida".

Para alguns a aula de Educação Religiosa é que justifica a existência do Colégio ou da Universidade Católica. Uma pobre justificativa, a meu modo de ver. Não creio que se possa dizer que um Estabelecimento é católico pelo fato de oferecer em seu currículo aulas de educação religiosa. — Assim como o fato de ser propriedade de uma Congregação Religiosa, ou o fato de ter Religiosos na direção, também não caracterizam necessariamente a Instituição como Católica.

A aula de educação religiosa em si mesma, emprensada em um horário já pesado, às vezes imediatamente antes ou depois de provas difíceis, num último horário, ou logo

depois de um recreio agitado, não pode ser a justificção das Instituições educacionais Católicas.

Se a aula de educação religiosa constitui a única atividade especificamente catequética, ela não passará de um parêntese sem maior significação educativa. Poderá, inclusive, chegar a ser uma atividade anacrônica e até contraditória com as outras experiências vividas na Instituição.

#### **f. Nomes, Títulos e Conteúdo**

Essa atividade explicitamente catequética é incluída no horário, no mesmo nível das outras disciplinas, com uma variedade de títulos: É chamada de Aula de Religião, de educação religiosa, de cultura religiosa, de catequese, de doutrina cristã, de formação cristã, ou simplesmente aula de formação. A variação de títulos para definir uma atividade acadêmica não é necessariamente uma questão secundária de escolha entre palavras sinônimas para batizar uma atividade.

Em muitos casos a escolha de título pode não ir além disso; em outros, porém, a opção por um título define uma orientação de filosofia do curso que se tenta oferecer. Neste caso, quando o título procura definir alguma coisa a respeito da atividade, é muito diferente dizer que o Colégio ou Universidade oferece um curso de cultura religiosa, ou dizer que ele oferece um curso de doutrina cristã, de formação cristã, ou de formação.

Esta simples observação da variedade de rotulações mostra que, quando se fala em educação religiosa em Instituições Católicas, não se está falando em uma realidade global e unívoca, mesmo quando nos referimos a essa atividade especificamente acadêmica normalmente chamada de **aula**. (E digo "normalmente", porque também aqui existem tentativas de encontrar termos mais adequados a outras concepções dessa atividade, e nem sempre por pura questão de semântica).

Seja qual for o título dado a essa atividade nas diversas Instituições, parece-me significativo que frequentemente ele seja escolhido aleatoriamente, não como consequência de uma definição de linha pedagógica, mas apenas como opção arbitrária de um nome. Eu vejo aqui um pequeno indicador de uma falha básica de algumas Instituições Católicas: a ausência de uma linha pedagógico-catequética definida e assumida pelo corpo docente da área como um todo.

A prática mostra que talvez seja a disciplina mais difícil de ser conduzida, e ao mesmo tempo, em muitos casos, a aula que conta com menor número de recursos de apoio, e a área onde o corpo docente possui um menor índice de capacitação profissional específica não só em conteúdo como em metodologia. E, no entanto, ainda se observa a atitude de que, tendo um certo conhecimento religioso e um grau razoável de vivência-testemunho, estão prontos o professor, o programa e o método de educação religiosa.

Esta situação oferece, às vezes, algum fundamento real às críticas formuladas de maneira generalizada a respeito da catequese na educação formal: por falta de visão teológica bem fundamentada, não é raro que as aulas girem em torno de temas de superfície, com imprecisões teológicas, ou com a omissão de aspectos importantes do conteúdo essencial da mensagem cristã. Por outro lado, a falta de uma programação básica mínima e seqüencial, e de um trabalho em equipe, transforma facilmente as aulas de educação religiosa em um ciclo repetitivo de temas gerais.

A educação, em qualquer circunstância, não pode ser reduzida a um simples processo de comunicação de conteúdos objetivos de maneira objetiva. No processo pedagógico não se comunica apenas conhecimento. Aliás, o processo de educação não pode ser reduzido a um tipo de comunicação ou influência unidirecional. A educação envolve todo o mistério de pessoas em interação. E, quando se trata de educação religiosa, entra ainda todo o mistério de uma fé pessoal e comunitária que também não pode ser reduzida ao nível de meras influências psico-pedagógicas ou sociais.

Pode-se esperar que as orientações vindas do Sínodo de Roma provoquem novos encontros, seminários e estudos de pessoas envolvidas em tarefas de pastoral de juventude. Talvez as idéias aqui apresentadas sejam úteis como ponto de partida para estudos, revisões e debates das pessoas envolvidas em educação formal ajudando-as na caminhada.

---

# A PRÓXIMA CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: TEMORES E ESPERANÇAS

---

**Pe. J. B. Libânio, S.J.**

Rio de Janeiro, RJ

No ano passado, o Vaticano anunciou que convocará para 1978 a Conferência Geral dos Bispos Latino-americanos por ocasião do 10º aniversário da que aconteceu em Medellín. Já se passaram dez anos. Que aconteceu com o "espírito de Medellín?" Cresceu, vigorou em toda A. Latina ou antes minguou com os anos e problemas? E a nova Assembleia Geral surge no horizonte cheia de esperanças de um aprofundamento e avanço ou pelo contrário esboçam-se suspeitas de um recuo e reversão? São perguntas que circulam no momento entre aqueles que se sentem comprometidos e preocupados com a problemática em curso em nosso Continente.

Para que se nos tornem claras no contexto histórico, sócio-cultural essas questões, precisamos situar-nos

no contexto histórico, sócio-cultural em que nasceram as declarações de Medellín e perceber quais as principais mudanças ocorridas desde então, com as esperanças e temores que tais mudanças podem causar-nos (1).

## **Contexto Histórico, Sócio-Cultural de Medellín**

À primeira vista, os documentos emanados da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano desconcertam-nos (2). Como é possível que um episcopado, que durante o Concílio Vaticano II, com raras e honrosas exceções, apareceu diante do mundo católico, sobretudo centro-europeu, como extremamente conservador, reunido precisamente num dos países católicos mais tradicionais do Continente, pudesse



ter produzido textos teologicamente tão avançados e comprometidos com a realidade sócio-política, num prolongamento crítico à *Gaudium et Spes*, às clássicas encíclicas de João XXIII *Mater et Magistra*, *Pacem in terris*, e à *Populorum Progressio* de Paulo VI? Talvez possamos apontar alguns fatores que agiram de modo decisivo nos meios latino-americanos a ponto de provocar a mudança de mentalidade de tantos bispos no grau de subscreverem as Declarações de Medellín. Evidentemente, como no caso do próprio Concílio Vaticano II, não se trata aqui de querer saber quantos foram os bispos que perceberam todo o alcance dos documentos. Importante é constatar que tais declarações foram escritas e promulgadas sob a chancela oficial do Episcopado Latino-americano e portanto gozam de legitimidade e autenticidade. A compreensão do contexto gerador e suas mudanças podem ajudar-nos a situar-nos diante das expectativas e temores que nos circundam.

A década de 50 tinha sido em nosso continente alimentada por uma euforia desenvolvimentista. O subdesenvolvimento econômico dos países da América Latina foi compreendido como momento de uma evolução histórica, que até então tinha sido muito lenta e que agora era de interesse de todos acelerar. O subdesenvolvimento como etapa prévia ao desenvolvimento deve ser superado através de um impulso de crescimento, produzindo finalmente o "take off", o arranque definitivo para a era do progresso. Para isso, fazia-se mister a presença de capital e tecnologia. Naturalmente países pobres

não podiam confiar nas suas poupanças e também necessitavam de moeda estrangeira a fim de importar bens de capital. Abriram-se as portas aos capitais estrangeiros e à tecnologia avançada através sobretudo das multinacionais, de empréstimos e financiamentos estrangeiros para compras.

Na década de 60, que precisamente vai desembocar em Medellín, surgem contudo críticas à inconsistência da posição desenvolvimentista. O subdesenvolvimento não é uma mera etapa prévia no processo do desenvolvimento e que se franqueia no momento em que o país atingiu um produto interno bruto e uma renda per capita de grau mais elevado com um conseqüente leque de bens de consumo mais amplo e diversificado e criação de infra-estruturas. Sua superação, portanto, não se faz infra-sistemicamente com aceleração e modernização do processo produtivo, mas através de uma ruptura radical do sistema que mantém os países e dentro dos países as regiões num estado permanente de empobrecimento, de subdesenvolvimento (3). Neste movimento de crítica ao modelo econômico desenvolvimentista, dentro de uma perspectiva do "desenvolvimento integral" e da "política da libertação" se situa Medellín. Assim os textos conjugam no seu vocabulário tanto o termo "desenvolvimento" como o de "libertação". Com o termo "desenvolvimento", já numa perspectiva mais ampla que o da ideologia desenvolvimentista, quer-se entender a promoção de todos os homens e do homem todo e não simplesmente no nível econômico (4).

De fato, as duas encíclicas *Populorum Progressio* e *Humanae Vitae* marcaram muito os textos de Medellín, além da orientação dada pelo Papa na sua Alocução de Abertura. Entretanto afloram termos como “Transformação” e “Libertação”, ligados a uma compreensão da A. Latina dentro do esquema de “dependência-libertação”. Tal esquema vai ocupar o horizonte de reflexão teológica da década seguinte, com o surgimento explícito da Teologia da Libertação (5).

Não podemos esquecer que 1968 fora em todo mundo um ano de muita ebulição. Na França, uma revolta, que fermentava em Nanterre, eclode em todo o país, indo da capital para o interior, da Universidade para os Liceus num contágio de consciência que praticamente pára todo o país e quase o leva a uma quebra do sistema (6). Nos E.E.U.U. já nos finais de 1966 os estudantes se movimentavam na Universidade de Berkeley e os anos seguintes vão ser marcados por manifestações, especialmente contra a guerra do Vietnã. Este será o ponto de convergência e de polarização de todos os descontentamentos e protestos. Em 21 de outubro de 1967, p. ex., o Pentágono viu-se cercado por uma multidão de manifestantes anti-belicistas. Grande parte dos 50.000 manifestantes eram jovens acadêmicos, ativistas, homens de letras, ideólogos pacifistas, etc. . . (7).

Em nível de A. Latina não podemos esquecer o impacto que causou a vitória de Fidel Castro em 1959 com a conseqüente implantação dum Regime Comunista no coração do

Continente. Querendo ampliar tal revolução para outros países, surgem inúmeros movimentos como os Tupamaros, MIR, ERP, etc. . . Na própria Colômbia, o jovem sacerdote Camilo Torres, recém chegado de estudos na Europa, ingressa na guerrilha rural, causando enorme agitação nos meios eclesiais. Após sua morte a 15 de fevereiro de 1966 vai transformar-se para muitos cristãos em mito e exercer influência revolucionária. Che Guevara prega a criação de um, de 10 Vietnãs ao sul do Rio Grande. Ele mesmo engaja-se na Bolívia num movimento revolucionário com ampla repercussão. Tornou-se, sobretudo depois de todos os grupos de esquerda engajados no processo revolucionário sua morte, outro herói e inspirador (8).

No Brasil, o ano de 1968 apresentou-se marcado por movimentações estudantis e tentativas de greve após um período de passividade que se seguira à implantação do Regime militar de 1964. Os bispos vão, pois, para Medellín ainda sob o impacto das agitações estudantis, antes da promulgação do AI-5. Podia-se dizer que havia, em geral, na A. Latina uma discussão aberta e cada ideologia apresentava seus modelos revolucionários. As posições extremas, se defrontavam em violentos combates ideológicos. A movimentação revolucionária inquietava fortemente as forças conservadoras do Continente e as que tinham interesses econômicos aqui. Em 1967, a Missão Rockefeller elabora seu relatório sobre a situação de inquietação na A. Latina, baseado no qual vão criar-se estratégias e táticas para contrarres-

tar tais impulsos revolucionários (9). Medellín reflete, pois, esta tensão. De um lado, um violento surto revolucionário de esquerda que agita o Continente, doutro a reação não menos violenta das forças conservadoras em defesa de suas tradições, que se identificavam no fundo com o Sistema econômico neo-capitalista. Se nalguns países estava acontecendo a subida das forças de esquerda, no Brasil já acontecera o contrário. Portanto, momento de muita contradição, de confusão ideológica.

Dentro da Igreja reinava muita liberdade de discussão, muita abertura no campo social, sob a pressão dos acontecimentos, que marcavam o cenário internacional. Ainda se vivia o clima de diálogo, de ecumenismo, de liberdade, criado pelo Conc. Vaticano II. Sob o imperativo categórico da necessidade de fazer novas experiências, de responder aos anseios de transformação radical vindos de todas as partes, de poder estar presente num mundo em profundas mudanças, a Igreja percebia que, sem uma enorme abertura e liberdade, não conseguiria falar ao mundo presente (10). O processo de mudança na A. Latina estava em curso. Ou a Igreja se esforçava por compreendê-lo e então ser capaz de participar dele com sua função própria de inspiradora, dando-lhe cunho cristão, ou ele se faria sob a égide de ideologias atéias. No documento de Introdução, aparece esta consciência de que a A. Latina está evidentemente sob o signo da transformação que se faz com rapidez extraordinária e em todos os níveis. Isto indica, continua o texto, que estamos no

umbral de nova época da história de nosso Continente (11).

Nesta consciência de presença no processo de transformação do Continente, aparece ainda outro elemento novo. Até então a Igreja sempre esteve presente na construção das sociedades latino-americanas. Mas ao lado do Estado e das classes dominantes. Agora reconhece a existência de outros grupos, outras forças de libertação, outros movimentos assumindo o processo de transformação, que não as forças do Estado ou dos grupos dominantes. E a Igreja sente que não pode ausentar-se e deixar que outras bandeiras assumam o monopólio do processo de libertação. Há uma descoberta das classes populares por parte da Igreja nos documentos de Medellín. É o início de um processo.

Resumindo, podemos dizer que os Bispos em Medellín se encontravam sob a pressão da urgência de uma situação em forte fermentação sócio-política. Parecia naquela época que a A. Latina tinha possibilidade de assumir um processo de transformação social numa linha não capitalista, e mais socializante. O grande temor é que se fizesse em oposição à tradição cristã do Continente. A presença dos cristãos através da orientação aberta e corajosa da Igreja poderia garantir a tal processo uma orientação cristã e não necessariamente totalitária anti-cristã.

Passaram-se os anos e a consciência do momento histórico de 68 se esfumou. Os Documentos continuam, porém, na sua escrita. Tem sido sujeitos a muitas críticas. As mais constantes e repetidas referem-se ao seu método e à sua linguagem. O corte

epistemológico entre as análises sociais e as reflexões teológicas não se faz nem sempre com rigor. Não são nem boa Sociologia nem boa Teologia. Padecem de ambigüidade fundamental, com suas misturas semânticas. As reflexões teológicas sofrem de generalizações fáceis e rápidas. Denotam assim certo caráter ideológico, já que não conservaram pureza epistemológica.

Evidentemente tais críticas não são totalmente sem fundamento. Entretanto, pecam por estreiteza de horizonte crítico. Devemos distinguir os documentos de Medellín enquanto representam um discurso global e enquanto refletem uma linguagem determinada, parcial. Enquanto discurso parcial, na sua estrutura, lingüística própria, de fato, tais documentos apresentam muitas limitações, fruto sobretudo da urgência e premência dos acontecimentos. Não foram fruto de lentas maturações, mas fundidos no cadinho das tensões internas da própria Assembléia. Além disso, eram situações relativamente novas para muitos bispos, que pertenciam a hierarquias tranqüilas e conservadoras. Nesses momentos, a linguagem do compromisso, da tolerância, da conciliação se impõe, carregando o texto de ambigüidades e duplicidades. A Teologia guardou talvez pouco sua autonomia. Havia até então escassamente refletido sobre sua episteme própria em relação a tais problemas. A *Gaudium et Spes* tinha sido um primeiro ensaio. Medellín tentou continuar na mesma linha. O tempo de maturação de tal método era ainda curto. Buscava-se também uma autonomia latino-americana, querendo romper com a ex-

cessiva dependência européia no modo de realizar a prática teológica. Eram os primeiros passos da Teologia da Libertação, que ia realmente eclodir com mais vigor na década seguinte. Faltou certamente uma reflexão mais tranqüila e madura. São considerações sobre o discurso parcial.

Contudo o mais importante dos documentos é o "discurso global". Discurso da Igreja de um Continente que assume posição aberta e corajosa diante do processo social de transformação, não mais como parceira do Estado e das classes dominantes. É um discurso que significa politicamente enorme inflexão na caminhada da Igreja Latino-americana em nível oficial. Naturalmente muitas comunidades eclesiais já há tempo perseguiam esse novo caminho. Medellín significa uma legitimação de tal situação e de certo modo deslegitima uma Igreja em aliança com as oligarquias e classes dominantes do Continente. Discurso sumamente importante como revigoração de linhas até então frágeis e desprotegidas, sobretudo porque depois de tal ruptura com as classes privilegiadas não faltarão perseguições, ameaças, suspeitas, calúnias. E Medellín se transformará na bandeira legitimadora de eclesialidade do processo de libertação assumido por grupos e comunidades eclesiais. Um catolicismo tradicional, e não raras vezes, até mesmo reacionário, não poderá mais acobertar-se com uma tranqüila proteção eclesial. Pelo contrário, sentir-se-á continuamente incomodado por sucessivas declarações que seguirão as pistas de Medellín. Desconhecer a importância desse

discurso global e prender-se somente a críticas de natureza lingüístico-epistemológica é ter perdido o sentido de Igreja, de globalidade do processo, para fechar-se numa redoma purista, acadêmica, fazendo o jogo das forças opostas ao processo de libertação.

## **Mudanças no Contexto Latino-Americano**

Já está longe o clima de euforismo que reinava nos idos anos de 68. Lentamente as expectativas de uma transformação da A. Latina numa linha mais socialista, em que os interesses das classes populares fossem decisivos, foram desaparecendo com o enrigecimento do regime brasileiro (fins de 68), com a ascensão de Banzer na Bolívia (1971), com o desmantelamento dos Tupamaros no Uruguai (a partir de 1973), o fracasso da experiência chilena (1973), com a retomada dos militares na Argentina (1976).

O "Modelo brasileiro" começa a dar seus primeiros frutos de desenvolvimento, conseguindo percentuais altos de crescimento do PIB, configurando-se o chamado "milagre brasileiro". Tal modelo exerce forte atração sobre os outros países. Articulado com o plano de desenvolvimento econômico estritamente capitalista, se implanta um regime político de exceção, institucional, fortemente autocrático, com rígido controle sobre todos os segmentos da nação. As pequenas aberturas ainda presentes até 68 são fechadas, contrabalançadas, porém, pelo euforismo do crescimento econômico.

À efervescência política da década de 60 e início de 70, seguem-se, em geral, na A. Latina, e de modo especial no cone sul, um marasmo, uma estagnação, uma apatia em relação ao mundo político. Em vários países, cessa totalmente a atividade política partidária. No Brasil, o desinteresse pelas atividades políticas se manifesta pelas taxas elevadas de votos nulos ou em branco nas eleições de 70 e 72. As principais escolhas políticas são feitas dentro do círculo fechado do sistema militar-burocrático, independentemente de qualquer participação, nem mesmo do próprio partido do governo.

O Relatório Rockefeller apontara como solução para a extinção de qualquer movimento transformador de estruturas na A. Latina o apoio aos regimes militares e uma vigilância cerrada em relação às atividades da Igreja. De fato, seguem-se anos difíceis para muitos setores da Igreja. Em vários países, membros do clero, sacerdotes, religiosos e até mesmo bispos são presos, torturados e alguns pagam com a própria vida seu compromisso com as classes populares e com uma ação de libertação. Em termos como que simbólicos basta citar o caso da prisão dos Bispos em Riobamba, (Equador) em agosto do ano passado, o seqüestro aviltante de D. Adriano, a morte de Mons. Angelelli num desastre suspeito, os assassinatos de sacerdotes na Argentina, em S. Salvador, e dos nossos missionários P. João Bosco e Rodolfo. A Igreja da A. Latina começa a conhecer a perseguição, desde que assuma alguma posição no campo social, por regimes que se dizem defensores da civilização oci-

dental cristã (12). A Ideologia da Segurança Nacional, que tem suas origens no pangermanismo do século passado, se transformou na ideologia imperial americana mediante o "National Security Act" de 1974 e implantou-se sobretudo nos meios militares da A. Latina. A insistência na segurança do Estado, a compreensão da sociedade atual como um antagonismo radical entre ocidente e comunismo, a necessidade de defender-se de todo e qualquer inimigo, mesmo potencial, levam a uma permanente guerra e estratégia total. Daí que todos os segmentos da sociedade, todas as atividades culturais, políticas, econômicas, religiosas devem cair sob vigilância constante a fim de obviar qualquer infiltração do inimigo e resistir a todo aquele que se oponha de qualquer modo ao projeto nacional estabelecido pelo Regime e que deve ser realizado a qualquer custo (13).

Com maior ou menor rigidez tal Ideologia tem comandado a ação do sistema nos diversos países da A. Latina e tem criado muitos conflitos com a Igreja, já que a ação dela tem aparecido ao sistema como oposta aos seus interesses e portanto colaboradora com o inimigo, o comunismo. Daí a expressão "infiltração comunista" aparecer frequentemente nas declarações de representantes do Sistema para designar tudo que não esteja de acordo com o Projeto Nacional.

O interlocutor de esquerda, que desafiava o Cristianismo na sua compreensão da realidade latino-americana em profundas transformações e na sua capacidade de estar presente nela, saiu do cenário pú-

blico. A censura, em geral rigorosa, proscreeu-o, sem naturalmente resolver com isso todas as críticas e suspeitas que ele levantava ao nosso Cristianismo e sociedade. Na melhor das hipóteses, as discussões acontecem em círculos fechados e restritos. Com isso, uma nova geração de Igreja surge totalmente despreparada para qualquer diálogo mais pertinente e sério com o marxismo. Muitas das perguntas e questões do marxismo são respondidas com a repressão e o controle social, sem descer a um diálogo-discussão mais profundo. Trata-se de uma proteção extrínseca, que, se um dia desaparecer, deixará os cristãos em situação difícil.

O processo de censura dos sistemas influencia na própria criação teológica, gerando nos escritores uma auto-censura. Isso aparece sobretudo num estilo mais escatológico, utópico, de afirmações generalizadas, que se deixam subtrair a acusações concretas de subversivas. Com isso, perdem a precisão de uma reflexão sobre práticas concretas da Igreja. O medo de entregar o ouro ao inimigo leva a muitos a não publicarem experiências ricas da Igreja, que poderiam estar na base de uma Teologia mais concreta, mais engajada. Certa fluidez, imprecisão e caráter abstrato do pensamento teológico e de documentos da Igreja latino-americana refletem a auto-censura, o clima de insegurança, de vigilância reinantes. Apesar disso, datam dos últimos anos as declarações mais corajosas que jamais uma Hierarquia regional escreveu.

Basta citar os documentos dos Bispos do Nordeste, do Centro-

Oeste e o Comunicado ao Povo de Deus da Comissão Representativa da CNBB.

No seio mesmo da Igreja, o ambiente primaveril de liberdade e de iniciativas corajosas, surgido depois do Concílio Vaticano II, parece tolhar-se com sinais de uma regressão. Pairam ameaças de condenações das posições mais avançadas no setor social, seja da reflexão como da experiência eclesial. Sérios e importantes teólogos foram colocados sob suspeita, através de claras ou veladas condenações de instâncias ou de membros da alta hierarquia da Igreja. Algumas experiências eclesiais de base sofrem também restrições e até mesmo estão ameaçadas de uma reversão, como no caso de Viana (14).

Estes novos condicionamentos já estão influenciando a preparação da próxima Assembléia dos Bispos latino-americanos, provavelmente no México. Desde 1972 que o CELAM passa a ser dirigido por membros mais moderados e conservadores. Tal mudança repercutiu na linha doutrinal e pastoral dos seus Institutos e órgãos.

O ano de 1977 parece indicar que alguma coisa está mudando em relação ao quadro descrito antes, sobretudo no campo político, decorrente de problemas econômicos e da conjuntura mundial. Para exprimir os sintomas novos, que estão surgindo, usam-se termos como: "volta ao Estado de Direito", "Redemocratização", "Eleger uma Constituinte", "Direitos Humanos", "Liberalização", "Liberdades democráticas", etc... A parcial liberdade de imprensa em nosso meio tem propor-

cionado uma maior circulação de idéias e tem dado ocasião a que apareça a insatisfação geral da Sociedade Civil. Os Estudantes, depois de um longo silêncio, voltaram de novo a manifestar, com maior maturidade, seus desejos de participarem na vida política do país. E mais recentemente ainda, o mundo operário tem também expresso suas reivindicações. Enfim, em todos os setores da sociedade civil ouvem-se vozes exigindo, esperando mudanças no Sistema vigente, em vista de uma normalidade jurídica, política.

É fenômeno muito recente para que se possa perceber seu alcance e possível influência nas linhas pastorais da Igreja. Sem dúvida, tem sido importante a nova política americana de defesa, pelo menos verbal, dos Direitos Humanos, numa espécie de catársis de uma consciência profundamente carregada nos últimos tempos com tantos e tão graves escândalos nacionais. O próprio sistema de segurança americano caiu sob a mira da imprensa, através da publicação dos escândalos de suborno, de crimes violentos contra homens de Estado de outras nações, e violação de Leis fundamentais o país. A invulnerabilidade dos homens do poder coercitivo e da agência de informação ficou ameaçada e com isso a ideologia da segurança terá sofrido algum baque. Será coisa passageira e a grande amnésia dos povos deixará que daqui a pouco tudo volte ao como era antes? Ou realmente o brio americano não suportará impunemente tais escândalos, multiplicando seus Watergates? Que consequência terá tal revisão nos EE.UU. sobre os países dependentes, que se-

guiam com maior perfeição e rigor a mesma ideologia? Terá significado um alarme dos riscos que as nações estão correndo com sistemas de segurança montados e que se tornaram autônomos e onipotentes? A própria Igreja americana, cuja imagem para nós era tão negativa no seu conservadorismo, na sua riqueza, na sua estrutura rígida de paróquias, escolas paroquiais, sem quase consciência da problemática política e do alcance para tantas nações das decisões feitas em seu país, não estará também modificando-se numa linha de maior lucidez crítica? Não será prova disso a Conferência "A Call for Action" de Detroit em outubro do ano passado? Nela, pelo menos um setor significativo da Igreja americana, reconheceu-se "cúmplice de tantas injustiças cometidas dentro e fora por causa de sua aceitação acrítica do sistema social, econômico e político em que vive"; tomou como opção "um compromisso solidário com os povos oprimidos e com suas lutas pela defesa da vida humana em todas suas formas e pela criação de uma sociedade mais justa" (15).

Precisamente esta polaridade dentro e fora da Igreja está na origem de nossos temores e esperanças a respeito da próxima Assembléia dos Bispos Latino-americanos.

## TEMORES

Já há 13 anos e principalmente nos últimos anos a Igreja da A. Latina vem sofrendo pressões e até perseguições por parte dos regimes militares, apoiados na ideologia da

Segurança Nacional e empenhados num desenvolvimento econômico com grandes sacrifícios das classes populares, deixando, portanto para uma etapa posterior o desenvolvimento político e social. Diante dessa situação reforça-se dentro da Igreja Latino-americana e certamente apresentar-se-á como uma opção pastoral ao discernimento dos bispos, a chamada "tese polonesa" (16). Consiste em evitar qualquer confronto direto com o Estado, procurando a Igreja sobreviver numa política de "boa vizinhança", na esperança de tempos melhores. Aceitando as limitações que o Estado lhe impõe, especialmente no campo social, procurará agir naqueles setores onde goza de liberdade: pastoral, doutrinal e sacramental. Poderia até mesmo conseguir apoio do Estado num pacto implícito de respeito das áreas e competências, sendo que o campo sócio-econômico-político fica entregue à exclusiva competência do Estado e o campo religioso à da Igreja. Nos possíveis pontos de atritos, a solução buscar-se-á no compromisso, com concessões de parte a parte. Como inspiradora dessa linha, estaria a política da Santa Sé nos países católicos de regimes comunistas. Não cabe aqui uma crítica mais profunda de tal posição. Basta atender ao equívoco da análise política subjacente e da fragilidade do pressuposto teológico e pastoral. Nos países comunistas, o governo é anti-católico e não busca nenhuma legitimação a partir do consentimento implícito ou explícito da Igreja. Esta não opina em nada nas linhas econômico-políticas do regime. Na A. Latina, pelo contrário. Os regimes dizem-se



defensores da civilização ocidental e cristã, e o silêncio da Igreja significa o reconhecimento e legitimação da característica cristã de tais governos. Só uma atitude crítica da Igreja, pode evitar tal equívoco, que parece, aliás, bem mais divulgado que se possa pensar. Além disso, subjaz a tal "tese polonesa" uma concepção dicotômica da fé e da prática pastoral da Igreja, baseada numa antropologia também ela dicotômica. De um lado, o homem religioso com seu universo pessoal-social religioso e doutro o homem político com outro universo diferente. E para cada universo, haveria uma instância orientadora, esquecendo-se da profunda unidade humana e da história.

A "linha polonesa" apresenta-se sob o signo de abertura, compreensão, realismo estratégico, contra os radicalismos suicidas. Avoca a si ser a expressão do bom-senso, em contraposição aos impacientes, exagerados, extremistas. Como é uma posição que aparece como moderada, equilibrada, atrai facilmente o consenso das maiorias, ocultando assim, sem dificuldade, seus pressupostos ambíguos e até mesmo falsos. Há contudo outra posição, que menos sedutora, porque mais clara e sem rebuços, prefere nitidamente colocar-se ao lado dos atuais sistemas, como verdadeiros defensores do Cristianismo contra a ameaça comunista. Assume a ideologia dominante como legítima, verdadeira e julga que cabe à Igreja reforçá-la com sua presença. E a Assembléia seria o lugar para a Igreja da A. Latina manifestar sua gratidão aos regimes que nos salvaram do comunismo e apoiá-los nesta luta anti-comunista,

ajudando-os a superar os possíveis excessos, inevitáveis em tais confrontos. Talvez os acontecimentos dos últimos anos e tomadas de posição desses regimes em campos da moral — aprovação do divórcio, política do controle de nascimento, etc. . . — e certos exageros na repressão atingindo até mesmo bispos tem servido para que os defensores de tal posição perdessem plausibilidade.

A tendência modernizante e secularizante que nos chegou com a renovação conciliar trouxe muitos benefícios especialmente para os cristãos envolvidos com a problemática moderna. Procurava precisamente responder aos problemas que a razão moderna e a valorização da experiência levantavam. Entretanto, em relação ao povo simples, trouxe, por falta de percepção de muitos agentes de pastoral, resultados negativos, ao impor-se-lhe uma problemática estranha a seu universo cultural. Os resultados negativos são entretanto analisados de modo diferente pelos tradicionalistas e pelos agentes populares. Ambos coincidem no aspecto ambíguo e às vezes negativo de certas conseqüências da teologia-pastoral da secularização. Pode isso ser ocasião a que renasçam projetos conservadores, na linha de manter as estruturas tradicionais religiosas populares, sem nenhuma crítica sobre seu caráter alienante ou libertador. Em nome de uma crítica correta aos efeitos negativos da pastoral secularizante de renovação pode-se querer voltar à pastoral de cristandade, já superada, em vez de dar um passo à frente na direção de uma pastoral popu-

lar libertadora. As semelhanças de críticas não devem impedir de perceber a diferença de análise e de solução.

Uma Assembléia episcopal latino-americana não pode contentar-se simplesmente com alguns lugares comuns, mas deve assumir uma tarefa profética que seja luz para as diferentes igrejas nos próximos anos. Neste sentido, há enorme risco de confundir elementos conjunturais com estruturais. Parece que desponha na A. Latina certo ar liberalizador, que vem sendo favorecido pelas conjunturas nacionais de diversos países e internacional. A esperança que tal movimento pode despertar não deve impedir que a Igreja continue lúcida nas suas análises mais profundas das raízes das injustiças no nosso Continente. A redemocratização pode e deve ser talvez uma etapa necessária e importante. Não pode ser contudo o fim de um processo, enquanto as classes populares não puderem elas mesmas criar o próprio projeto libertador. E as raízes estruturais, que impedem as massas populares de assumirem seu próprio destino numa relação dialética com os bens materiais e simbólicos já acumulados pelos grupos e classes sociais, não podem estar fora da análise e consideração dos pastores da A. Latina.

Inegavelmente, na última década, houve um florescimento diversificado de comunidades eclesiais nos meios populares. Redefiniu-se em parte a consciência de muitos fiéis a respeito de sua posição dentro da Igreja. Pode-se falar com exatidão sociológica e teológica de uma Igreja que nasce do povo (17).

Nessas comunidades populares o papel do leigo adquire cada vez maior importância num processo crescente. O risco situa-se numa falsa percepção teológica desse movimento, procurando recuperá-lo através de uma reclericalização dessas comunidades (18). As comunidades eclesiais de base em meios populares são experiências tão ricas para a Igreja, mas são uma flor sem defesa (19). Facilmente podem ser destruídas, seja por forças adversas à Igreja, como internas a ela. E as direções vindas da próxima Assembléia poderão ser para elas um apoio, arrimo ou pelo contrário uma ameaça. Daí nossos temores.

A Igreja latino-americana tem ultimamente assumido com coragem a consciência de vivermos em uma sociedade de conflitos, que trazem para dentro da própria Igreja inelutavelmente tensões, lutas, sofrimentos, necessidade de decisões chocantes para alguns grupos. Superou a concepção de uma Igreja colocada diante do mundo, como uma instância neutra distinta e separável dele, para saber-se mundo com a consciência de ser sacramento de sua salvação. Não se trata ainda de um passo profundamente assimilado e de ampla extensão. Antes, são grupos que o vivem e fermentam a consciência mais ampla da Igreja. Daí que muitos de seus documentos já revelam tal consciência. Fica o temor de uma reversão.

A Assembléia Geral do Episcopado latino-americano deve tornar-se para nós motivo de muita esperança, seja pela fé no Espírito que

guia a Igreja, seja pela análise de seus últimos passos. Como entretanto, a ação do Espírito não se faz maquinalmente e supõe a colaboração humana, cabe que alimentemos explicitamente nossas esperanças.

## ESPERANÇAS

A maior esperança que a nova Conferência nos alimenta é a reafirmação solene da opção de Medellín: uma Igreja que se sente, que se quer, que opta por ser do pobre e do oprimido. Não por razões políticas. Simplesmente porque compreendeu na leitura da Revelação e no exemplo de seus maiores santos a preferência e predileção de Deus, de seu Filho Jesus, pelos pobres e marginalizados. E a partir desse amor predileto pelos pobres, pensa tudo o resto, ama todos os outros homens, coloca-lhes as exigências evangélicas. Toda a sua pastoral deve continuar a ser repensada a partir dos interesses evangélicos dos pobres. Não se trata de uma opção classista, no sentido técnico da palavra. Nem tem um sentido de contestação como tal. Não é porque os atuais regimes da A. Latina não representam os interesses das classes pobres, que a Igreja se volta para eles. A razão é evangélica: isto significa que independe de conjunturas. Pode acontecer entretanto que a gravidade e urgência de tal decisão se imponha mais devido ao caráter extremamente grave da situação dos pobres em nosso continente. As oposições nascem não de uma opção direta da Igreja contra os regimes, mas de sua predileção pelos pobres e conseqüentemente incômoda e questiona-

dora para regimes que os marginalizam.

Esta opção global da Igreja na A. Latina trará como conseqüência a relevância concreta de duas realidades: as comunidades eclesiais de base e a religiosidade popular. Medellín traçou perspectivas ainda embrionárias para a pastoral de massa. As experiências neste duplo campo desenvolveram-se muito e necessitam uma reflexão em nível latino-americano. Os nossos dois encontros inter-eclesiais de base em Vitória, as Semanas teológicas de Petrópolis e Curitiba sobre Religiosidade Popular, os cursos para Bispos sobre os mesmos temas, e inúmeros outros encontros, estudos manifestam a riqueza que se vai acumulando neste duplo setor (20). Juntamente com esta problemática, põe-se de modo agudo e delicado a criação de uma liturgia que seja ao mesmo tempo católica — expressão e interpretação autêntica da grande Tradição da Igreja — e vivenciável dentro da cultura popular. O espaço da Liturgia se torna cada dia mais importante no crescimento das comunidades de base. E em íntima conexão com esta aculturação litúrgica, defrontamo-nos com as exigências de novos ministérios, novas estruturas eclesiais superando os dois extremos da ortodoxia canônica rígida e da desestruturação da Igreja em seitas ou eclesíolas domésticas.

Os meios de comunicação de massas estão cada dia mais transpondo as fronteiras nacionais, criando a "aldeia global". Infelizmente isto tem acontecido à custa de autênticos valores humanos e cristãos a serviço

das internacionais econômicas, sobretudo americanas. Há programas em nossas televisões em que a maioria de seu material veio enlatado dos EE. UU., sem um mínimo cuidado de aculturação. Assim as imagens e os valores consumistas de uma sociedade se difundem rapidamente em outras. Novelas brasileiras têm feito sucesso em países hispano-americanos. Seria já momento em que em nível latino-americano, as Igrejas se organizassem no referente à circulação de idéias, experiências, riquezas de Igrejas locais e comunidades de base. É grande a ignorância que nós brasileiros temos do que se passa nos outros países da A. Latina em termos de Igreja, de arte, de iniciativas novas conscientizadoras, etc. . . Uma Assembléia do nível da que se prepara tem condições de pensar e programar algo em ambiente latino-americano. Só uma tomada de posição em tal âmbito pode contrarrestar a invasão cultural que sofremos de valores e modo de vida tão alheios às nossas tradições. Teríamos que multiplicar centros de cultura latino-americana em diversos países com intercâmbio de material.

O próximo encontro pode servir também para ajudar-nos, com os múltiplos elementos trazidos de tantos diferentes países a configurar a fisionomia própria da Igreja latino-americana, quanto à sua pastoral, sua teologia, sua concepção litúrgica, seu caráter popular, como aliás a Igreja de África está conseguindo com grande riqueza para ela e para toda a Igreja universal.

A Igreja latino-americana está vivendo grande chance histórica: po-

der estar presente, com a consciência evangélica explícita através de um compromisso com as classes populares emergentes e portadoras do futuro, ao processo de transformação radical do Continente. A esperança é de que ela não chegue no fim de um processo realizado longe da fé cristã e talvez contra ela, a fim de tentar salvar algum elemento, mas sim sentir-se comprometida com ele, consciente dos riscos e perigos que corre. A Igreja, que existe quando faz Eucaristia e que vê nela o grande dom de seu fundador, deverá ser extremamente sensível a tudo que seja "comunhão", "participação", "ação de graças em comum", sobretudo numa sociedade em que as elites técnico-burocráticas se arvoram em únicas capazes de decisão e extremamente excludentes de outras participações. A Igreja deve ser na A. Latina a grande celebradora da Eucaristia da comunhão, educando um povo à participação em todos os níveis, a fim de que seu destino seja assumido por ele e não ditado pelo interesse de pequenos grupos manipuladores da sociedade.

Muitas outras esperanças povoam nossos sonhos diurnos e noturnos. Entretanto, ficamos à espera de uma Igreja que saia mais corajosa no seu compromisso de libertação com as classes pobres e oprimidas, mais atenta ao que o Senhor nos fala através das angústias, fome, miséria de milhões de irmãos nossos. Uma Igreja que não teme a perseguição, que não teme o martírio, que se sente chamada a ser fermento e sacramento de salvação dentro do processo de transformação do Continente.

Igreja que suporta dentro de si as contradições, as tensões, não querendo mascarar-las através de um discurso simbólico e ideológico, mas que busca encontrar o consenso no confronto das opções, no deixar-se questionar pela Revelação, no colocar como "próton", primeiro, a realização do Reino de Deus, Reino de Justiça, de Paz, de Caridade, e não seu prestígio e poder.

Se esperar é crer no amor. Creemos no amor de Deus a esta nossa pobre e pecadora Igreja latino-ame-

#### NOTAS

1. P. CLERC, **Las Iglesias Católicas y el poder militar en América Latina**, em ECA 32 (1977) n. 341, pp. 199-206. 2. Documentário completo da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em SEDOC 1 (1968) n. 5, col. 641-764. 3. F. H. CARDOSO e E. FALETTI, **Dependencia y Desarrollo en A. Latina**, Ed. Siglo XXI, Buenos Aires, 1969. L. BOFF, **Teologia do Cativo e da Libertação**, Ed. Multinove, Lisboa, pp. 14. Ver também indicação bibliográfica na nota 11 da página 242. 4. PAULO VI, **Populorum Progressio**, n. 14. 5. G. GUTIÉRREZ, **Teología de la Liberación**, Lima, 1971. 6. Mai 68, em Esprit 36 (1968), n. 372, pp. 961-1152. M. DE CERTEAU, **La prise de parole pour une nouvelle culture**, DDB, Paris, 1968. 7. T. ROSZAK, **A Contracultura**, Vozes, Petrópolis, 1972, p. 131. 8. E. IBARRA, **Le contexte de la Théologie de la Libération**, em CERIT de Strasbourg, Le Point Théologique, Ed. Beauchesne, Paris, 1974, pp. 23-65. 9. The Rockefeller Report on the Americas (Quadrangle Books), Chicago, 1969; G. ARROYO, **Le monde diplomatique**, agosto 1975, n. 257, p. 1. M. SCHOOYANS, **Le destin du Brésil**, Gembloux, 1973, pp. 151-155. 10. I. L. SEGUNDO, Condicionamientos Actuales de la Reflexión Teológica en Latinoa-

ricana, que, como filho pródigo, quer voltar-se para o seio do Pai num gesto de contrição, de arrependimento de seus conúbios impuros do passado. Creemos no amor de nossos pastores para com os pobres e oprimidos, prediletos de Deus e deles. Creemos que a caridade dará força aos futuros membros da Assembléia para defrontarem-se honestamente à luz da predileção de Deus pelo povo simples da busca de soluções teológicas e pastorais que signifiquem, em nível de práxis, tal caridade.

mérica, em Encuentro Latinoamericano de Teología, Liberación y Cautiverio, México, 1976, p. 92. 11. SEDOC 1 (1968) n. 5, col. 664. 12. CNBB, Comunicação Pastoral ao Povo de Deus, Documentos da CNBB, n. 8, Ed. Paulinas, São Paulo, 1976. 13. J. COMBLIN, **La doctrina de la Seguridad Nacional**, em MENSAJE 25 (1976) n. 247, pp. 96-104. J. A. AMARAL GURGEL, **Segurança e Democracia**, Ed. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1975. 14. SEDOC 8 (1975/6) col. 203-212. 15. J. GARCÍA, De Medellín a Detroit, em Christus 42 (1977 México), n. 494, pp. 41-52. 16. J. COMBLIN, **Théologie de la pratique Révolutionnaire**, Ed. Universitaires, Paris, 1974, p. 307. 17. L. BOFF, **Eclesiogênese**. As comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja, Vozes, Petrópolis, 1977. J. B. LIBÂNIO, **Uma comunidade que se redefine**, em SEDOC 9 (1976) n. 95, pp. 295-326. 18. PEDRO A. RIBEIRO DE OLIVEIRA, **A posição do leigo nas comunidades eclesiais de base**, em SEDOC 9 (1976), n. 95, pp. 286-295. 19. C. MESTERS, **Flor sem defesa**, em SEDOC 9 (1976), n. 95, pp. 326-392. 20. CEB: Uma Igreja que nasce do povo, em SEDOC 7 (1974), n. 81, col. 1057-1216. CEB: Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus, em SEDOC 9 (1976/7), n. 95, col. 257-448. Catolicismo popular, em REB 36 (1976), pp. 3280.

---

# A VINDA DOS DOMINICANOS AO BRASIL DURANTE A ÉPOCA IMPERIAL

---

**Riolando Azzi**

Rio de Janeiro, RJ

Durante o período colonial, colaboraram na empresa missionária os principais institutos religiosos então existentes em Portugal: os franciscanos, os beneditinos, os carmelitas e a nova ordem dos jesuítas. Não obstante, a ordem dominicana não chegou então a se estabelecer no Brasil. Apesar disso, desde o início do período colonial difundiu-se no Brasil a devoção a Nossa Senhora do Rosário, e concomitantemente o culto de São Domingos, trazidos por irmãos da ordem terceira dominicana vindos de Portugal.

Durante esse período, houve mesmo alguns bispos dominicanos por-

tugueses à frente das dioceses brasileiras, e esporadicamente também estabeleceram-se aqui alguns religiosos da Ordem de São Domingos. Deve-se ao dominicano frei Gabriel Batista a instalação da Ordem Terceira de São Domingos a 30 de outubro de 1723, no mosteiro de São Bento da Bahia, onde funcionou alguns anos, passando depois para o hospício dos Agostinianos Descalços da Palma e daí para a igreja de São Domingos no antigo Terreiro de Jesus. Mas a instalação dos frades dominicanos no Brasil só se deu nas últimas décadas do século passado.

## I — O MOVIMENTO DOS BISPOS REFORMADORES

A vinda dos dominicanos ao Brasil vincula-se ao movimento dos bispos reformadores (1). Desejosos de implantar no Brasil a reforma

católica segundo o espírito tridentino, esses bispos recorreram a institutos religiosos europeus para levar avante o movimento. Os primeiros

religiosos a se estabelecer no Brasil na época imperial foram os Padres da Missão (2), seguidos pelas Filhas da Caridade (3), ramo feminino da obra fundada por S. Vicente de Paulo.

Em seguida também os jesuítas, expulsos na época de Pombal, conseguiram reentrar no país (4). Já na última década do Império chegaram ao Brasil os dominicanos e os salesianos. Os dominicanos receberam um primeiro convite do bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda. Não se tendo concretizado a fundação da obra, foram em seguida solicitados pelo bispo eleito de Goiás D. Cláudio J. G. Ponce de Leão, religioso lazarista (5). A finalidade primordial da vinda dos dominicanos era colaborar na reforma do clero e povo católico, implantada no século passado.

#### **D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro**

A primeira idéia da vinda da Ordem dominicana ao Brasil foi apoiada e incentivada pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, discípulo do bispo reformador D. Antônio F. Viçoso. Deve-se ao jovem brasileiro Vicente de Melo, o interesse pela vinda desses religiosos ao Brasil. Com o fim de seguir a carreira sacerdotal Vicente de Melo fora para a Itália, matriculando-se no Colégio Pio Latino-Americano.

Em seguida, desejando ingressar na Ordem Dominicana, dirigiu-se ao superior geral padre Vicente Jandel, que o designou para o convento de Corbara, na Córcega. Foi em

seguida transferido para o convento de São Maximino, na França. O jovem frade passou a alimentar a idéia de trazer a Ordem dominicana para o Brasil, encontrando apoio no superior do convento, padre Segnerin. A obra seria iniciada no Rio de Janeiro, extendendo-se depois para o sertão, conforme as circunstâncias.

Frei Vicente de Melo escreveu então a D. Lacerda, que tinha para com ele grande afeição, solicitando autorização, apoio e mesmo meios materiais para o começo da obra. Em princípios de 1877 D. Lacerda escrevia a frei Vicente que em junho ele estaria em Roma para a visita *ad limina*. De passagem pela França ele desembarcaria em Marselha, indo passar alguns dias com os religiosos do convento de São Maximino.

Frei Vicente foi a Marselha receber o bispo, e este passou dois dias com os religiosos da comunidade. O bispo manifestou então que a fundação de um convento da Ordem de São Domingos no Rio de Janeiro seria uma coisa excelente. O padre Segnerin manifestou-se pronto a acompanhar o bispo na sua volta ao Rio, caso seus superiores o permitissem. D. Lacerda declarou que regressaria em dezembro, levando consigo os padres que porventura se designassem para a fundação do Rio. Em seguida, partiu para Roma.

Aqui começaram as incertezas. Esperava-se de D. Lacerda decisões mais precisas por cartas, além daquela promessa verbal sem garantias. Ao mesmo tempo, soube-se que o bispo havia obedecido a um primei-

ro sentimento de entusiasmo, sofrendo em seguida uma crise de desânimo ao pensar nas possíveis dificuldades. D. Lacerda sempre fora de temperamento muito tímido e indeciso. Convém recordar além disso que até 1875 dois bispos brasileiros estavam presos no Rio de Janeiro pela Questão Religiosa, e o espírito anticlerical dominante era ainda muito forte nessa época.

O padre Segnerin, porém, se entusiasmara pela fundação, e pedira ao provincial para intervir junto ao bispo do Rio de Janeiro. Frei Vicente Lacoste, então prior de Bordéus, foi encarregado pelo provincial para falar com o bispo a esse respeito, no momento do seu embarque para o Brasil. D. Lacerda consentiu em receber os padres e tentar no Rio o projetado estabelecimento. O provincial designou para essa missão dois frades: padre Damião Segnerin, prior de São Maximino e padre Benedito Sans.

D. Lacerda chegou ao Rio poucos dias antes, e preparou-lhes alojamento no seminário do Rio Cumprido, dirigido pelos padres lazaristas (6). O Pe. Estevão Gallais assim descreve a chegada dos dominicanos ao Brasil:

“Em 1878 o revmo. Padre Segnerin, antigo provincial da Província de Lião e antigo prior do convento de S. Maximino, foi mandado para lá com um companheiro, em busca de um campo de ação apostólica a explorar. Chegaram os dois ao Rio de Janeiro e logo entraram em confabulações com o respectivo bispo diocesano”.

E em seguida acrescenta:

“Essas negociações não chegaram a bom termo e os dois religiosos prepararam-se para regressar à França quando, mesmo na véspera do embarque, o Padre Segnerin foi atacado pela febre amarela e três dias depois fulminado. O companheiro, atacado do mesmo mal, escapou com grandes dificuldades e voltou à França. Parecia ter assim falhado tudo” (7).

O cronista do convento de Uberaba dá mais detalhes a respeito:

“O Padre Segnerin, ao fim de dois meses gastos em descobrir um local para o futuro convento, sentindo-se profundamente fatigado de suas caminhadas seguidas pelo Rio, e maltratado pelo excessivo calor, caíra doente de febra amarela. Parece que a respeito, tivera algum pressentimento. Pois com mil dificuldades arranjara tudo o que lhe fora possível no sentido da incumbência que o trouxera ao Brasil, de modo a regressar a seu país pelo primeiro paquete. Tudo arranjado, não foi sem dificuldade que conseguiu a passagem de volta. A febre manifestou-se-lhe no momento em que chegava a bordo.

Os médicos, chamados pelos padres lazaristas para prestar socorros ao enfermo, declaram-se impotentes para salvá-lo. Dois dias depois falecia frei Segnerin. Frei Benedito Sans, dotado de organismo mais forte que seu companheiro, contraiu também a febre, da qual, não morrendo, adquiriu também muita debilidade e um forte tremor nervoso que conservou até a morte em 1922”



(8). Terminava assim num insucesso a primeira tentativa de instalação da Ordem dominicana no Brasil.

#### **D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, bispo de Goiás**

Coube ao Bispo de Goiás, D. Cláudio Ponce de Leão, concretizar o projeto da vinda dos dominicanos ao Brasil, trazendo-se para a sua diocese em 1881. Foi durante a permanência dos primeiros dominicanos no Rio de Janeiro em 1878 que o futuro Bispo de Goiás manteve os primeiros contactos com a Ordem.

Escreve o Padre Estêvão Gallais:

“O Padre Segnerin e seu companheiro haviam recebido a hospitalidade dos Padres Lazaristas do Rio de Janeiro, que, entre outras obras, tinham a seu cargo a direção do Seminário Maior e do Menor. Ora, entre os professores do Seminário Maior havia um padre, brasileiro de origem, mas tendo feito quase toda a sua educação em França.

“O Pe. Gonçalves Ponce de Leão pertencia a uma família notável da Bahia e era afilhado do Imperador D. Pedro. Estava em plena maturidade, cheio de zelo e de atividade, empreendedor, pronto para todas as iniciativas que pudessem contribuir para o progresso moral e material do seu país. Em 1879 foi eleito Bispo e deram-lhe o pastoreio de uma diocese imensa como extensão, mas uma das mais pobres e mais desprovidas de recursos, onde tudo havia a fazer e refazer”.

E continua com esta afirmação:

“Diante da imensa tarefa que tinha que empreender, o novo bispo pôs mão à obra com ardor, e o seu primeiro pensamento foi o de preparar auxiliares com que pudesse contar. Lembrou-se logo dos padres dominicanos que tinham vindo ao Rio à procura de uma missão que pudessem fundar no Brasil. Imediatamente se pôs em contacto com os superiores da Província de Tolosa e convidou-os a se encarregarem da evangelização da diocese, sobretudo por meio de missões paroquiais a serem pregadas periodicamente, e, um pouco mais tarde, com a fundação de centros de catequese para os índios. A oferta foi aceita, e em 1881 um primeiro grupo de três missionários se estabeleceu em Uberaba, no Triângulo Mineiro” (9).

Efetivamente os dominicanos se tornaram os principais colaboradores de D. Cláudio, especialmente na pregação das missões populares entre o povo. Em sua pastoral de 8 de março de 1884, o prelado assim se exprime:

“Todos os Bispos da Igreja, irmãos e filhos caríssimos, sentem a necessidade de recorrer ao auxílio de sacerdotes zelosos para mais pleno cumprimento de seus deveres pastorais. Assim também vosso humilde pastor, e esclarecido pelos exemplos dos demais prelados, seus irmãos mais velhos no episcopado, chamou os fervorosos filhos de São Domingos, os quais, pregando missões em todas as freguesias desta diocese, vão fazendo suas vezes, distribuindo o pão da palavra aos pequenos, administrando os sacramen-

tos a todos aqueles que desejarem recebê-los, acendendo o fogo do divino amor em todos os corações.

“Os missionários não somente são nossos auxiliares, como também muito coadjuvarão os reverendos párocos e suprem de alguma sorte a grande falta que temos de sacerdotes para serviço dos fiéis.

“Os reverendos sacerdotes encarregados das freguesias, os povos que desejarem a graça extraordinária da missão, recorrerão diretamente aos superiores desses missionários. Havemos concedido, amados filhos, para o bem de vossas almas, grandes faculdades a esses zelosos missionários, temos-lhes dado toda a liberdade de ação nesta diocese; usai pois largamente do dom de Deus, não tenhais o menor receio de aproveitar das prodigalidades de nosso pai celestial.”

## II — OS DOMINICANOS NA DIOCESE DE GOIÁS

Durante a época imperial os dominicanos restringiram suas atividades à diocese de Goiás, que na época abrangia toda a província de Goiás e parte da província de Minas Gerais, conhecida como Triângulo Mineiro.

“A diocese de Goiás fica rigorosamente no centro do Brasil, e pela sua fronteira ocidental, limitava-se com regiões ainda inexploradas e totalmente desconhecidas, onde, em matéria de habitantes, só se topa com selvagens errando através das florestas”.

E o Bispo de Goiás conclui reafirmando sua total confiança na obra apostólica desses missionários:

“Todas as vezes que os missionários aparecerem no meio de vós, recebei-os com a mesma caridade com que recebeis todos a vosso bispo, se possível, manifestai-lhes ainda melhor vossa fé viva, vosso amantíssimo coração. Os missionários nos precederão pregando missões nas freguesias que tencionamos visitar. Na província de Goiás seguirão o mesmo roteiro indicado na presente carta pastoral. Na província de Minas, terão eles o cuidado de anunciar a missão aos povos, pois não será possível aos religiosos de missionar todas as freguesias que desejamos visitar” (10).

A vinda dos padres dominicanos ao Brasil está pois, vinculada em modo particular, às pregações das missões populares.

E o Padre Gallais comenta:

“Por ocasião da posse de sua diocese, D. Gonçalves viu-se diante de um clero diminuto em número, pois não passava de uns oitenta sacerdotes, disseminados por essa vasta extensão de terras, mas de populações muito espalhadas. Era grande a ignorância entre os fiéis, privados de quase todo o socorro espiritual, e a disciplina entre o clero andava um tanto frouxa. Isso só será bem compreendido quando se pensar no isolamento em que vivem os sacerdotes encarregados de paróquias gran-

des como dioceses, nos perigos que são consequência desse isolamento, agravados ainda pelo clima e os hábitos do país” (11).

Na realidade, o movimento de reforma católica já fora iniciado na diocese pelo Bispo D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, que governara o bispado por dez anos, sendo transferido para a sede metropolitana da Bahia em 1876. Coube a D. Cláudio consolidar a implantação do movimento. O programa de atividades dos primeiros missionários dominicanos foi traçado pelo próprio prelado.

“O princípio que serviu como base à organização da Missão foi que os missionários se agrupariam em comunidades de cinco a seis religiosos no mínimo, que viveriam uma vida regular proporcionada ao seu pequeno número, que fariam, aos três ou pelo menos aos dois suas jornadas missionárias, evitando isolar-se por tempo prolongado. Foi o próprio bispo que insistiu em que não saíssem destas regras, pois a experiência mostrara à sobreposse, tanto para os religiosos como para os padres seculares, que a dispersão lhes seria funesta” (12).

Na última década do século, já na era republicana, também os redentoristas vieram à diocese dar sua colaboração às missões populares. Lê-se nas crônicas dos padres redentoristas:

“Os padres dominicanos, desde o episcopado de D. Cláudio Ponce de Leão, percorriam cada ano parte das paróquias missionadas, de sorte que cada paróquia de cada quatro anos tivesse sua missão. Desde

que eles por falta de pessoal não puderam continuar tantos trabalhos, boa parte deles ficou para os redentoristas” (13).

### **Uberaba, a primeira fundação: 1881**

Quando D. Cláudio se dirigiu aos dominicanos da França para convidá-los à sua diocese, a comunidade de São Maximino tinha se transferido para o convento de Salamanca na Espanha, em vista dos decretos do governo francês que desorganizara a vida conventual. Foi de lá que vieram os dois missionários frei Raimuno Madré e Lázaro Mélizan para o centro do Brasil. Partiram de Marselha no dia 14 de setembro de 1881, chegando ao Rio a 6 de outubro. Esperava-os o Sr. Pastorino, representante de D. Cláudio, que os conduziu ao seminário dos padres lazaristas no Rio Comprido, onde o Bispo de Goiás os esperava. Daí partiram para Uberaba, onde chegaram a 31 de outubro de 1881.

“A cidade de Uberaba contava então de cinco para seis mil habitantes... Fundada nos primeiros anos do século XIX, e transformada rapidamente em capital do Triângulo Mineiro, Princesa do Sertão, como lhe chamavam, no tempo em que os arredores ainda eram incultos e sem habitantes.

“Muito bem situado na meia encosta do terreno que enquadra, à margem direita, o modesto regato que atravessa a cidade, o convento de São Domingos de Uberaba é uma casa de bela aparência, construída há uns quarenta anos pelo Padre

Eugênio, missionário capuchinho, a quem a cidade deve, entre outras coisas, o seu grande e belo hospital, a Santa Casa de Misericórdia. Essa casa, que após a partida do Padre Eugênio passou para as mãos do Bispo e se tornou mais tarde propriedade dos missionários, é cercada de belos jardins fechados com muros, e ainda de vinhedos e árvores frutíferas; do outro lado do grande caminho que passa defronte da porta do convento, topa-se com uma modesta e piedosa capela dedicada a Santa Rita, e que serviu de igreja conventual durante os vinte e cinco primeiros anos de fundação” (14).

À chegada dos dominicanos, a casa em que iam habitar não estava ainda acabada. Por isso, foram hóspedes durante quinze dias de frei Paulino de Fugnano, capuchinho que morava no largo da Misericórdia em um prédio pertencente à Irmandade da Misericórdia. Em seguida foram para a casa que lhes era destinada, e cuja construção terminou em fins de novembro. Era pequena, com nove cômodos. Em seguida, foi levantado mais um pavimento. Durante anos esse foi o convento da Ordem.

A igreja de Santa Rita funcionava como igreja conventual. Durante meses, não havia a menor frequência, porque os padres dominicanos, ignorando a língua portuguesa, apenas se limitavam a celebrar missas. Tão logo puderam se fazer compreender, começaram a recitação do terço nas tardes dos domingos.

O terço começou a ser frequentado por crianças, que aprendiam a

doutrina cristã e cânticos. Nota-se assim desde o início a preocupação com a catequese infantil, uma das características do movimento reformador. Algumas piedosas senhoras ajuntaram-se às crianças. E essa foi, durante meses, toda a assistência aos atos de culto na igreja de Santa Rita.

Nessa mesma época fundou-se a Confraria do Rosário. As Irmandades do Rosário existiram desde o início do período colonial, mas com um caráter nitidamente leigo. As Confrarias do Rosário que a partir dessa data começam a se difundir no Brasil terão uma vinculação maior com a hierarquia eclesiástica, e por conseguinte um aspecto mais clerical. Por ocasião da festa de São Sebastião, celebrada a 20 de janeiro de 1882, os padres dominicanos foram convidados a tomar parte na festa paroquial: um deles celebrou a missa e o outro fez o panegírico do santo. “Foi este primeiro sermão em português pronunciado no Brasil por um sacerdote desta missão” (15).

Durante estes três primeiros meses, a presença dos dominicanos no Brasil era apenas a título de experiência. A 21 de janeiro Frei Raimundo Madré partiu para a cidade de Goiás, sede da diocese. Lá recebeu do Bispo D. Cláudio a proposta escrita para a nova fundação. Em março ele estava de volta em Uberaba. Seguiu então para a Europa Frei Lázaro, levando aos superiores da Ordem o documento de D. Cláudio, e um relatório de Frei Madré sobre o estado da Missão.

A 29 de abril de 1882 o capítulo provincial de Tolosa decidiu aceitar

definitivamente a missão do Brasil, e o estabelecimento do primeiro convento dominicano na cidade de Uberaba. Entrementes, Frei Madré iniciava a partir de março as pregações na missa dominical, como também as aulas de catecismo nas escolas. Em fins de outubro de 1882 chegavam a Uberaba novos missionários franceses.

A partir de então se estabeleceu na igreja de Santa Rita o culto católico nos moldes tridentinos: aos domingos pela manhã missa com pregação do evangelho, e à tarde reza do terço, ladainhas e bênção do Santíssimo Sacramento. Intensificar a vida sacramental era uma das metas primordiais do movimento reformador. A partir de 1885, segundo as crônicas dominicanas, houve na igreja de Santa Rita um aumento muito grande de confissões e comunhões. A valorização das missões populares foi outra característica do movimento dos bispos reformadores. Em setembro de 1886 os dominicanos realizaram a primeira missão paroquial em Santa Rita, com grande participação de fiéis (16).

### **Goiás, a segunda fundação, 1883**

Desde a vinda dos padres dominicanos à província de Goiás, D. Cláudio insistia para que eles se instalassem na capital, para poder aproveitar sua colaboração também no governo da diocese. A 23 de abril de 1883 chegaram os padres Gabriel Desvoisins e Miguel Berthot, estabelecendo-se inicialmente num antigo quartel junto à igreja do Ro-

sário. Afirma o padre Estêvão M. de Gallais:

“Em 1887 a cidade de Goiás contava com 8.000 a 10.000 habitantes. Os missionários ocupavam aí uma modesta casa contígua a uma igreja construída pelos negros e dedicada a Nossa Senhora do Rosário... Pelo fim do século XVIII havia mais de 100.000 desses negros só nas minas de Goiás. Os senhores, que em geral eram pouco escrupulosos no modo de tratar os escravos, levaram a peito entretanto fazê-los cristãos e reconheciam-lhes de fato certos direitos para a prática da religião. Os negros de Goiás aproveitaram-se desse direito para se sindicalizarem, como se diria hoje, para formarem uma Irmandade, uma confraria, como se dizia então no Brasil. Reunindo então os seus recursos e impondo-se sacrifícios superiores aos que os senhores exigiam deles, chegaram a ter uma igreja própria. Deram-lhe um nome que lhes recordava uma devoção tão cara para eles: dedicaram-na a Nossa Senhora do Santíssimo Rosário.

“Quando os primeiros missionários chegaram a Goiás, em 1883, a Irmandade dos Negros ainda existia, mas em grande decadência... Por outro lado, em virtude de certas disposições legislativas proclamando a extinção progressiva da escravidão, o número de escravos havia diminuído muito. Efetivamente, a igreja do Rosário estava quase vacante e esperando que o seu sucessor D. Duarte Silva, suprimisse pura e simplesmente a Irmandade dos Negros, D. Gonçalves entendeu entregar sua igreja aos missio-

nários. Tomaram eles posse dela, ao mesmo tempo que de uma casa que lhes ficava contígua” (17).

O bispo D. Duarte, logo após a proclamação da República, empenhou-se em assumir a direção eclesiástica dos antigos centros de devoção da diocese, como o santuário do Padre Eterno e a ermida de N. Senhora da Abadia de Muquem, com muito rigor e intransigência (18). Mas não temos elementos para analisar a supressão da antiga Irmandade dos Negros de Goiás. É possível mesmo, como afirma o padre Gallais, que a Irmandade já estivesse numa situação decadente e irrecuperável. Em substituição à antiga Irmandade, os dominicanos fundaram uma nova Confraria do Rosário, sob um estrito controle clerical.

### **Porto Nacional, a terceira fundação: 1886**

Os dominicanos se estabeleceram inicialmente em duas importantes cidades da diocese: Uberaba e Goiás. A terceira fundação, porém, foi feita numa região de pioneirismo. A quase mil quilômetros ao norte de Goiás, situada à margem direita do Tocantins, era então uma cidadezinha com suas casas brancas no alto de um penhasco, ao abrigo das grandes cheias do rio. A obra dominicana foi criada a pedido dos próprios moradores da região.

Escreve José Mendonça:

“Em 1883 S. Excia. Revma. D. Cláudio Gonçalves Ponce de Leão, fazendo a visita pastoral em sua imensa diocese, que se formava dos territórios hoje ocupados pelas dioceses de Uberaba, de Goiás e de

Porto Nacional, e pelas prelazias de Jataí e de São José de Tocantins, alcançou a cidade então denominada Porto Imperial. Em companhia do grande bispo lazarista, que havia já introduzido em Uberaba e em Goiás os filhos do Patriarca de Gusmão, foi o virtuoso dominicano frei Miguel Berthot.

“E os habitantes do lugar, que tinham já ouvido falar dos méritos e do zelo dos dominicanos, insistiram perante D. Cláudio e Frei Miguel para que fundassem lá um convento de missionários da Ordem de São Domingos. Esse pedido veio ao encontro do desejo e das aspirações de D. Cláudio, que pretendia a organização de um convento no norte da diocese, convento que deveria tornar-se o centro das missões setentrionais do Estado. Imediatamente o preclaro príncipe da Igreja, a que o Brasil central deve tantos e tão assinalados serviços, entrou em correspondência com os diretores da Ordem Dominicana, conseguindo que em Porto Imperial se estabelecesse a nova casa dos Frades Pregadores” (19).

Frei Gallais completa a informação com os seguintes dados:

“Logo se abriu uma subvenção e a casa foi entregue ao Bispo. Mas tanto a chegada dos missionários como a organização da comunidade demandavam tempo. Só pela primavera de 1886 é que eles tomaram posse do prédio que lhes fora posto à disposição. Eram em número de quatro, três padres e um irmão converso. A população fez-lhes a mais simpática das acolhidas, ajudou generosamente a mobiliar a casa que

devia servir de convento, e providenciou quanto às primeiras necessidades, fornecendo provisões à pequena comunidade nascente. Instalada em tão sólidas bases, a fundação de Porto Nacional firmou-se e prosperou” (20).

### III — AS IRMÃS DOMINICANAS DO SS. ROSÁRIO

Ao lado dos dominicanos, não tardaram a se estabelecer também em Goiás as Irmãs Dominicanas do SS. Rosário, que chegaram a ter duas comunidades religiosas na diocese ainda na época imperial.

#### **A fundação do Colégio N.S. das Dores: Uberaba, 1885**

Segundo o Padre Josquim Tiago dos Santos, deve-se à iniciativa do Bispo D. Cláudio a vinda das religiosas dominicanas.

Escreve ele:

“Era então bispo de Goiás Dom Cláudio Ponce de Leão. Desejando que a missão dominicana fosse secundada e incrementada pelo concurso das religiosas que viessem proteger espiritualmente, instruir e educar as filhas de nossos compatriotas, providenciou logo o apostólico bispo no sentido de conseguir da Ordem o estabelecimento das ilustres missionárias nesta cidade. Havia já quatro anos que aqui trabalhavam os Padres Dominicanos. Ao espírito esclarecido e zeloso de D. Cláudio impunha-se a necessidade imperiosa de se fundar em sua diocese dois estabelecimentos de importância capital: um colégio e um hospital.”

As duas primeiras obras serviram de base para a atividade dominicana em área urbana. Porto Nacional serviu como ponto de partida para uma atividade propriamente missionária.

E acrescenta em seguida:

“Assim foi que o digno Prelado, por intermédio dos R.R. Padres Dominicanos, dirigiu um pedido à Congregação das Religiosas Dominicanas do Santíssimo Rosário em Monteils, França, no que foi atendido com pleno êxito. Desde logo apresentaram-se os aviamentos necessários para a realização de tão desejado ideal. A Revma. Madre Maria Dositea, Superiora Geral da Congregação, feito entendimento com os Superiores Eclesiásticos, deferiu o pedido, e sem mais delongas marcou para o mês de maio a partida das primeiras missionárias. Foi no ano de 1885” (20).

A 5 de maio de 1885 as irmãs dominicanas embarcaram para o Brasil. No Rio de Janeiro foram recebidas pelas Irmãs Vicentinas, em cuja residência se hospedaram. Após alguns dias de permanência na capital do país, prosseguiram sua viagem em demanda do Triângulo Mineiro, onde devia ser estabelecido o centro de sua missão. A viagem do Rio para Uberaba foi feita parte por via férrea, parte em carros de bois. Chegaram a 15 de junho. Foram recebidas pelo povo

e pelas autoridades locais, tendo à frente o bispo diocesano D. Cláudio, que viera de Goiás para acolhê-las.

Houve um Te Deum de ação de graças na igreja-matriz, e as irmãs ficaram numa residência provisória, enquanto era adaptado o prédio da Santa Casa de Misericórdia para o início do Colégio. A 16 de outubro de 1885 o Colégio N. S. das Dores iniciava suas aulas, com dez alunas internas e cento e poucas externas.

### **A fundação do Colégio de Santana: Goiás, 1889**

Assim como os frades dominicanos tinham iniciado suas atividades em Uberaba, e em seguida se haviam instalado também em Goiás, também as irmãs dominicanas, após a fundação do primeiro colégio em Uberaba, passaram depois a atuar também na capital da diocese. Em ambos os casos, houve um pedido expresso do bispo diocesano.

“Havia quatro anos que estava funcionando o Colégio Nossa Senhora das Dores, em via de muita prosperidade, quando o bispo D. Cláudio, desejando ver também a sede

do seu bispado dotada de um estabelecimento dessa ordem, convidou as irmãs para abrirem na capital goiana um colégio; e o mesmo bispo providenciou e facilitou todos os meios que abreviassem a desejada realização, de modo que a 5 de setembro de 1889 chegava lá a primeira turma de missionárias, dando-se logo à atividade dos preparativos de primeira necessidade para a inauguração do Colégio Santana.

“Acolhidas pelo bispo e pelo povo que lhes fizeram festiva recepção e lhes proporcionaram solícitamente todos os recursos possíveis e de emergência, puderam as religiosas, sem maiores delongas, montar a sua residência e abrir as suas escolas para as meninas e jovens da sociedade goiana, como também coube na possibilidade das circunstâncias matricular na seção competente um bom número de meninas pobres. À medida que se desenvolvia o incipiente educandário, instalado a princípio na própria residência episcopal, cedida generosamente pelo apostólico bispo diocesano, vinham vindo novas turmas de irmãs professoras para assumirem os postos de ocupações que progressivamente se multiplicavam” (22).

## **IV — AS ATIVIDADES APOSTÓLICAS DOS DOMINICANOS**

Vindos ao Brasil para colaborar diretamente na implantação da reforma católica, os frades dominicanos, durante a época imperial, desenvolveram suas atividades em quatro setores específicos: missões populares, reforma do clero, reforma do povo, missões entre os índios.

### **As missões populares**

As missões populares ou “santas missões” constituíram sem dúvida a atividade principal dos dominicanos. Já anteriormente haviam estado na diocese os frades capuchinhos, que se destacaram como missionários



populares desde o início do Segundo Reinado. Mas somente com a vinda dos dominicanos foi implantado um plano de missões regulares a serem ministradas às diversas paróquias da diocese. Ao chegarem ao Brasil, os dominicanos tinham a mesma impressão dos demais religiosos estrangeiros vindos nessa época: um país de indiferentismo religioso, sem prática sacramental.

O cronista do convento de Uberaba afirma:

“O que mais os entristecia era a negligência, a indiferença geral para com a religião. O vigário paroquial de Uberaba celebrava aos domingos, às onze horas, uma missa simples, sem sermão. E era tudo o que diferenciava este dia dos outros da semana. Não havia instrução religiosa de espécie alguma”.

De acordo com o bispo diocesano, os dominicanos traçaram um plano de pregações de missões populares nas paróquias de quatro em quatro anos, por causa da extensão da diocese. A duração era de dez, quinze e até vinte dias. Em 1883, antes de partir para Goiás para a fundação da segunda obra, Frei Madré em companhia de Frei José Maria Artigue percorreu durante quinze dias Sacramento e Araxá, em missões paroquiais muito concorridas.

No ano de 1884, durante o período quaresmal e pascoal os padres dominicanos de Uberaba saíram a pregar missões pelas freguesias do leste do Triângulo Mineiro. Em 1885 as missões populares foram levadas a efeito pelos Padres An-

fossi, Lucas, Nicolet e Artigue até o norte do Triângulo, entrando no território de Goiás. Em 1886 os Padres Lacoste, Artigue e Melizan pregaram missões populares em Franca e outras paróquias da província paulista. De maio em diante essas missões se estenderam para o norte e oeste do Triângulo.

Em abril de 1887 os padres saíram em missão pelo oeste do Triângulo, indo até Frutal. A 30 de maio, durante uma missão, faleceu Frei José Artigue, afogado no Rio de Peixe, em Goiás. Em 1888, de maio a outubro, os Padres Lacoste, Anfossi e Joaquim Mestelan pregaram missões na parte leste do Triângulo. Em 1889 os Padres Lucas, André Blatgé e Mestelan pregaram missões a leste e norte do Triângulo.

Por conseguinte, ao fim da época imperial, já era intenso o trabalho de pregações populares desenvolvido pelos dominicanos, tendo atingido até paróquias da província de São Paulo.

## **A reforma do clero**

Conforme a mentalidade dos bispos reformadores, a começar de D. Viçoso, os institutos religiosos vindos da Europa deviam ajudar a hierarquia eclesiástica tanto na reforma do clero como na reforma da vida do povo católico. Também D. Cláudio, da Congregação da Missão, pensava e atuava de modo análogo a seu venerando confrade lazarista, o Bispo de Mariana. Por essa razão procurou utilizar a colaboração dos frades dominicanos para a reforma do clero diocesano.

A presença dos dominicanos na diocese foi sem dúvida um estímulo forte para levar os padres seculares a uma vivência clerical nos moldes tridentinos. Percorrendo toda a diocese na pregação de missões populares, os frades dominicanos estavam sempre em contacto com o clero secular. Com frequência também os frades acompanhavam o próprio nas visitas pastorais.

É provável também que os dominicanos de Goiás tenham dado colaboração nas aulas do seminário diocesano, pois com frequência os religiosos eram requisitados para essa atividade. O próprio D. Cláudio, como religioso lazarista, fora professor do seminário São José do Rio de Janeiro, confiado à direção dos Padres da Missão.

Para melhor promover a reforma da diocese, D. Cláudio convocou um sínodo diocesano a 12 de agosto de 1887. Diversos dominicanos participaram do sínodo: Frei Germano de Amecy, Frei Ângelo Dargaignarts, Frei Raimundo Madré, Frei Vicente Lacoste, Frei Raimundo Anfossi, Frei Manuel Wolstyniak.

As reuniões preparatórias para o sínodo começaram no dia 7:

“D. Cláudio, como pai e pastor caridoso, ofereceu aos sacerdotes o seu seminário, para nele receberem uma fraternal hospitalidade, e chegado o dia marcado para a abertura das sessões preparatórias do sínodo, convocou a todos para assistirem aos exercícios espirituais, dirigidos por ele mesmo, sendo pregador o Revdo. Frei Raimundo Madré, superior dos frades de São Domingos” (23).

O clero brasileiro não estava habituado à prática dos retiros espirituais. A presença dos frades dominicanos, e sobretudo a pregação feita por Frei Madré, foram elementos importantes para introduzir o clero na nova visão tridentina.

Uma das tônicas do sínodo foi a insistência do bispo com relação à observância do celibato eclesiástico.

Um cronista da época, assim comentava o evento do sínodo:

“Honra pois e louvor a D. Cláudio e a seu clero que marcham na vanguarda das verdadeiras reformas” (24).

### **A reforma do povo**

Os dominicanos atuaram também na reforma moral do povo cristão. Merece destaque especial a atividade pastoral no sentido de promover os casamentos segundo a legislação eclesiástica, e mediante o rito sacramental. O trabalho pastoral de Frei Gil Vilanova nessa área foi ressaltado pelo Padre Gallais. Escreve ele:

“A lei eclesiástica que exige a presença do sacerdote para a celebração de qualquer casamento cristão, foi promulgada no Brasil, e por consequência, é obrigatória, como em França. Mas em certas regiões, é de difícil observância.

“Quando há que fazer viagens de vinte, trinta e mais léguas, empregar semanas, gastar muito dinheiro, para chegar até junto de um sacerdote, quando os noivos são pobres, sem montarias, sem recursos para longas viagens, compreende-se até

certo ponto que o povo se abrigue por detrás da razão de impossibilidade, e que, não sendo obrigados a renunciar ao casamento, se casem sem padre e esperem outra oportunidade para fazerem abençoar sua união pela Igreja”.

E continua:

“Mas na própria cidade de Goiás, estas desculpas não tinham razão de ser e no entanto eram aí numerosos os casais de amancebados. Havia para isso razões de diferente natureza. A ignorância e a indolência muito contribuíam para isso...”

Em seguida o padre Gallais passa a justificar a intervenção enérgica de frei Gil para a regularização católica dos casamentos, nesses termos:

“Quando se adquire um hábito, e se estabelece uma espécie de prescrição em favor de uma liberdade com a qual a natureza se acomoda, não é fácil extirpá-lo. As exortações públicas e os sermões não bastam, sobretudo quando os que mais necessidade teriam deles não aparecem para os ouvir. É preciso ir atrás de cada ovelha desgarrada em particular, até que seja acompanhada e trazida ao aprisco. Foi o que tentou fazer frei Gil. Com a atividade atrevida e sedutora de que era dotado, tomou suas informações sobre a situação de lares mal constituídos, e depois percorreu metodicamente as ruas da cidade, indo de casa em casa, por toda a parte onde lhe constava que havia uma união ilegítima a regularizar. Entrava ousadamente e, à queima-roupa, abordava a questão, debatia-a rapidamente com os

interessados e logo chegava a uma conclusão que formulava com estas palavras sacramentais — Larga ou casa!

“A expressão deu sorte e logo passou a circular de boca em boca. Durante a quaresma de 1888, “larga ou casa” esteve na ordem do dia em toda a cidade de Goiás. Esta campanha contra os amancebados valeu para o padre Vilanova uma grande notoriedade na cidade de Goiás; logo toda a cidade o conheceu e o nome de Frei Gil passou a andar em todos os lábios” (25).

Como se observa, há certo rigor pastoral que nem sempre toma em conta as condições próprias da realidade brasileira.

### **As missões entre os índios**

Durante o Segundo Reinado, foram também os capuchinhos a se destacarem na obra da evangelização dos indígenas na região de Goiás. Não obstante, esse trabalho não teve continuidade pelo isolamento em que viviam esses missionários enviados pela Santa Sé. O cônego Fonseca e Silva descreve o trabalho inicial dos capuchinhos nos seguintes termos:

“Em 1840 o imperador pedia ao Santo Padre o serviço dos padres capuchinhos ao Brasil. Dessa feita a distante província de Goiás era contemplada com a dádiva da presença de tão abnegados missionários. O campo de trabalho para esses novos luzeiros da fé entre os infiéis foi às margens dos dois grandes rios, o Tocantins e o Araguaia, abrangendo os rios Vermelho e Sono e a ilha do

Bananal, com residência em Boa Vista, São José do Gimimbu, São João do Araguaia e duas outras nas margens do Araguaia. Durante 41 anos esses santos barbadinhos plantaram lugares no setentrião goiano, percorreram rios e montes, fizeram igrejas e construíram capelas. Poucos entretanto foram esses operários do Senhor. Isolados uns, doentes outros, tornaram-se os heróis do norte de Goiás”.

Em seguida o autor passa a fazer uma comparação entre a atividade dispersa dos capuchinhos e o trabalho coordenado dos novos missionários dominicanos:

“Os nossos abnegados capuchinhos tudo fizeram para ultimar nas imensas distâncias do norte goiano, a palavra de Deus pela catequese e pela prática das santas missões. Mas a esse sacrifício inaudito faltou sempre a base de uma comunidade: aquela vida isolada e segregada do contacto com os co-irmãos, a falta de comunidade trouxe àqueles apostólicos varões o desaparecimento de sua obra missionária no meio dos infiéis”.

E o Côn. Fonseca e Silva acrescenta:

“É por essa razão, e muito justa, que os nossos sempre saudosos dominicanos constituíram os **Beneméritos do Norte**. Apegados aos velhos ditames do fundador, é a santa regra a **alma mater** da grande ordem; concentrados nos seus claustros regulares, irradiam-se vigorosos na alma e no corpo em busca de almas para Deus” (26).

A atividade missionária dos dominicanos iniciou-se nos últimos

anos da época imperial. Em 1888 dois missionários, frei Gil Vilanova e frei Estevão Gallais saíram à procura dos indígenas, tendo como ponto de partida a comunidade de Porto Nacional. De início só encontraram vestígios. Depois de várias tentativas, os dominicanos foram estabelecer-se em Conceição de Araguaia, onde efetivamente se criou um centro de atividade missionária, já nos princípios da época republicana.

## CONCLUSÃO

Ao término deste artigo sobre os inícios da obra dominicana no Brasil, alguns aspectos merecem ser destacados.

1. O primeiro aspecto positivo que se deve salientar na Ordem dominicana é o fato de se terem estabelecido de início em pleno centro do Brasil, numa região ainda inóspita e desprovida de todo o conforto. Desse modo eles podem ser considerados os verdadeiros missionários da Brasil central na época imperial. Seu centro de expansão foi a diocese de Goiás. Com razão afirma frei Alexandre Lustosa:

“A Ordem dos Frades Pregadores se implantou no Brasil em perspectiva essencialmente missionária. O Brasil era terra de missões. E os dominicanos vieram para colaborar na implantação da Igreja e no seu desenvolvimento entre os sertanejos, realizando eles a sua tarefa, a serviço da Palavra” (27).

2. As missões populares constituíram a atividade primordial dos dominicanos, e a finalidade principal

pela qual haviam sido chamados pelo bispo D. Cláudio Ponce de Leão. Precedidos pelos capuchinhos, os dominicanos deram às missões populares uma seqüência ordenada e regular, de forma a atingir periodicamente toda a extensão da diocese.

Escreve frei Lustosa:

“A evangelização do povo se torna o centro de todá as preocupações desses apóstolos. Pelas pregações do rosário, pelas missões populares conseguem levar a mensagem da Boa Nova a dezenas de povoados sem pastor” (28).

Aliás, o próprio D. Cláudio, na pastoral de 2 de fevereiro de 1887 afirmava:

“Foi para santificar os fiéis que fundamos uma casa de seis missionários em Uberaba; outra de cinco em Goiás; e já concedeu-nos a Divina Providência mais três para principiar a casa de missão de Porto Imperial; de sorte que de quatro em quatro anos possam ser missionadas todas as freguesias desta diocese” (29).

Já nos inícios da república, receberam a colaboração dos redentoristas para esse tipo de trabalho apostólico. “Na pregação das santas missões nas paróquias, tornaram-se os continuadores da obra dominicana os PP. Redentoristas, hoje possuidores de grande patrimônio na admiração da alma goiana” (30).

**3.** Colaborando com os bispos reformadores do século passado, os dominicanos auxiliaram D. Cláudio em sua obra de reforma do clero e do povo cristão. A colaboração pa-

ra a reforma do clero foi dada principalmente auxiliando o bispo nas visitas pastorais e na realização do primeiro sínodo diocesano. A reforma do povo cristão foi feita mediante a educação do povo dentro dos padrões morais e doutrinários do espírito tridentino.

Ao descrever a colaboração dos religiosos no início da reforma católica do século passado, o padre Júlio Maria afirma: “A única compensação ao enfraquecimento cada vez maior das ordens monásticas no Brasil foi o devotamento com que certas congregações estrangeiras, a dos Lazaristas, a dos Jesuitas, a dos Salesianos, e mais tarde, já iniciado o novo regime político, a dos Redentoristas, vieram entregar-se aos árduos trabalhos da educação da juventude e da pregação evangélica” (31). Existe aí uma lacuna que deve ser preenchida. Entre a chegada dos jesuítas e a vinda dos salesianos, deve-se assinalar a presença dos dominicanos no Brasil.

**4.** Um dos aspectos característicos da época imperial é que os institutos religiosos masculinos contam sempre com a colaboração de congregações femininas. Assim ao trabalho dos Padres da Missão uniram-se a Filha da Caridade; aos capuchinhos de São Paulo as irmãs de São José de Chambéry; aos jesuitas alemães do Rio Grande do Sul, as Franciscanas da Caridade e da Penitência; aos salesianos as Filhas de Maria Auxiliadora, estas já no início da era republicana. Também os padres dominicanos abriram caminho para a vinda das Irmãs Dominicanas do SS. Rosário, cuja atividade principal foi a educação da juventude.

Na carta pastoral de 2 de fevereiro de 1887 o bispo D. Cláudio escrevia: "Que dizer-vos do Colégio de N. S. das Dores, dirigido pelas Irmãs? Bastará comunicar-vos que este colégio, aberto em meados de outubro de 1885, já contava em dezembro de 1886 cento e cinquenta e três meninas".

5. Outro aspecto importante da atuação dos dominicanos foi continuar a incentivar a devoção a N. S. do Rosário. A devoção à Virgem do Rosário fora estabelecida no Brasil desde os inícios da era colonial, e a reza do terço foi uma das práticas devotas mais difundidas na população brasileira. Em substituição às antigas Irmandades do Rosário, de caráter leigo, os dominicanos passaram a fundar as Confrarias do Rosário, mais vinculadas à hierarquia eclesiástica. Já nos inícios da república foi fundada a revista **O Mensageiro do Rosário**, como órgão difusor da devoção.

6. Ao lado dos aspectos positivos, o trabalho pastoral dos dominicanos teve também suas limitações, decorrentes aliás do próprio espírito da reforma católica. Houve uma certa desvalorização da iniciativa e participação leiga na vida cristã, em decorrência de uma maior centralização do poder clerical; na ênfase do aspecto sacramental da vida cristã, nem sempre houve o devido apreço para com as antigas formas de devoção popular, como procissões e romarias. Além disso, ao ressaltar o aspecto íntimo e pessoal da conversão cristã, se perdeu às vezes a dimensão comunitária e social da fé. Enfim os dominicanos, como os de-

mais religiosos europeus, já possuíam uma idéia preconcebida do catolicismo popular tradicional, imbuídos como estavam de uma visão tridentina da Igreja e da religião. Desse modo, nem sempre souberam descobrir as riquezas espirituais subjacentes na fé tradicional mantida pelo povo brasileiro.

7. Participando de um movimento religioso que não se vinculava às nossas raízes culturais, também os dominicanos encontraram algumas restrições por parte da população. A esse respeito, é significativo o seguinte episódio narrado nas crônicas do convento de Uberaba:

"Alguns elementos anticlericais de Uberaba, logo na primeira semana da proclamação da República, quando o dr. Costa Machado, eminente político brasileiro, pronunciava nas praças públicas desta cidade discursos inflamantes sobre o grande acontecimento político, assim o interperaram: "Que vai a república fazer dos frades?"

A sua resposta, em virtude da desagradabilíssima impressão causada no grande auditório foi esta: "Deixá-los em paz, porque os dominicanos não fazem política, vivem inteiramente entregues ao seu ministério. A República brasileira não persegue os inofensivos" (32). Todavia, essas hostilidades nem de longe chegaram a igualar às manifestações havidas contra os jesuítas e os lazaristas estrangeiros durante a época imperial.

---

a seguir: **NOTAS**

---

## NOTAS

1. AZZI, RIOLANDO, **O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX**, em REB, 1974, 646-662. 2. AZZI, RIOLANDO, **Padres da Missão e movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX**, Convergência, 1974, dezembro, 1237-1256. 3. AZZI, RIOLANDO, **As Filhas da Caridade e o movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX**, Convergência, 1975 maio, 232-249. 4. AZZI, RIOLANDO, **Os jesuítas e o movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX**, Convergência, 1976 outubro, 491-505. 5. AZZI, RIOLANDO, **Os bispos religiosos durante a época imperial do Brasil**, Convergência, 1976 maio, 242-245. 6. Resumo das crônicas do Convento de Uberaba, publicado por Pontes Hildebrando, **A ordem de São Domingos de Gusmão no Brasil**, poliantea comemorativa do 50º aniversário da Fundação Dominicana no Brasil, Uberaba, 1931, 7-12. 7. GALLAIS, ESTÊVÃO, **Frei Gil Vilanova, Apóstolo do Araguaia**, Conceição do Araguaia, 1942, p. 57. 8. **Poliantea Comemorativa**, ver nota 6, página 12. 9. Ver nota 7, págs. 58-59. 10. SILVA, J. TRINDADE DA FONSECA, **Lugares e Pessoas**, São Paulo, 1948, pp. 296-297. 11. Ver nota

7, págs. 58-59. 12. Ver nota 7, págs. 59-60. 13. **Jubileu de Prata das Residências dos Padres Redentoristas em Aparecida e Campinas de Goiás**, São Paulo 1919, 41-42. 14. Ver nota 7, págs. 66. 15. **Poliantea Comemorativa**, ver nota 6, págs. 13-14. 16. **Poliantea Comemorativa**, ver nota 6, págs. 14-15. 17. Ver nota 7, págs. 71-72. 18. AZZI, RIOLANDO, **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**, Petrópolis, Vozes, 1977, pp. 71-75. 19. MENDONÇA, JOSÉ, **O Convento de Santa Rosa de Porto Nacional**, em **Poliantea Comemorativa**, Uberaba, 1931, p. 37. 20. Ver nota 7, págs. 123-124. 21. SANTOS, PE. JOAQUIM TIAGO, **As Irmãs Dominicanas do SS. Rosário no Brasil**, em **Poliantea Comemorativa**, Uberaba, 1931, p. 53. 22. Ver nota 21, página 58. 23. Ver nota 21, p. 305. 24. Ver nota 21, página 308. 25. Ver nota 7, páginas 106-109. 26. Ver nota 21, páginas 415-419. 27. LUSTOSA, ALEXANDRE, **A ordem dominicana no Brasil**, em **Dominicanos DCCL**, São Paulo, 1966, pp. 135-136. 28. Ver nota 27, página 136. 29. Ver nota 21, página 301. 30. Ver nota 21, página 421. 31. MARIA, PE. JÚLIO, **O catolicismo no Brasil**, Rio, Agir, 1950, pp. 164-165. 32. **Poliantea Comemorativa do 50º aniversário da fundação dominicana no Brasil**, Uberaba, 1931, p. 17.



## MISSÕES — CATEQUESE — POLÍTICA

**MISSÕES.** Não se trata só de pregar o Evangelho em zonas geográficas cada vez mais vastas, mas também atingir e quase derrubar com a potência do Evangelho, os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que estão em contraste com a palavra de Deus e com os desígnios da salvação (**Paulo VI**). **CATEQUESE.** A catequese não pode desconhecer o processo de transformação social que deve levar à libertação dos povos (**Medellín**). **POLÍTICA.** O trabalho apostólico jamais pode ser caudatário de interesses subalternos ou julgado conforme critérios políticos.

# LIVROS NOVOS

## PARA VOCÊ LER

**PASTORAL UNIVERSITÁRIA, UMA PROPOSTA CONCRETA,** Pe. Enzo Campos Gusso. Edições Loyola, São Paulo. Ano 1977. Página 144.

A presença cristã deveria ser muito mais normal e firme hoje do que antigamente. Uma simples pesquisa feita há três anos, na Medicina da USP (Pineiros), revelou que cerca de 10% de seus estudantes tinham anteriormente participado de grupos de jovens cristãos. Mas na faculdade ninguém sabia que eram cristãos. Não se tinham reconhecido como cristãos nem entre eles mesmos. Esta situação se repete, em proporções semelhantes, em qualquer outra faculdade de São Paulo. Basta atentar para o fato de que, em qualquer grupo cristão de jovens de classe média, os seus coordenadores são quase que invariavelmente universitários. E estes grupos de jovens são centenas em São Paulo.

Numa projeção estatística fácil é possível inferir que, dentre os cem mil e tantos universitários da arquidiocese de São Paulo, uns dez mil aproximadamente passaram por grupos de jovens cristãos. Acontece, no entanto, que as

universidades e faculdades isoladas de São Paulo não se ressentem nem um pouco da presença destes cristãos. O que aconteceu com o sal, a luz e o fermento?

A pastoral universitária se faz necessária, antes de mais nada, para dar continuidade, em nível universitário, à formação cristã do estudante que passou pelos grupos de jovens e, ao mesmo tempo, para levar ao meio universitário a mensagem cristã. Ela é ainda necessária para que, nesta terra, haja homens cristãos capazes de assumir necessidades e aspirações do povo e transformá-las em estruturas políticas, sociais, educacionais, econômicas, etc. Este nível de ação é típico do homem que passou pela experiência universitária e não está ao alcance normal do homem do povo. Caso contrário, estaremos potenciando uma conscientização popular que não terá outra chance, na solução concreta de seus problemas, senão a de se encaminhar para as ideologias correntes e de ser manipulada por elas.

Pe. Enzo Campos Guzzo quer mostrar o possível caminho a ser seguido hoje numa pastoral eficaz no meio uni-



versitário. Ele tem uma longa experiência como assistente da JUC em São Paulo.

**OS DEZ MANDAMENTOS NA EDUCAÇÃO**, Johannes Gründel. Tradução do original alemão **Die Zehn Gebote in der Erziehung** de Frei Ludovico Gomes de Castro, OFM. Editora Vozes, Petrópolis. Ano 1977. Páginas 100.

Na tentativa de uma avaliação global da ética individual e coletiva de nossa época, podemos relevar características específicas, generalizadas. O comportamento particular do homem moderno aparece marcado por um profundo anseio de autodeterminação subjetiva, apelando ao direito de usar a própria consciência como princípio básico da moralidade de seus atos. O comportamento coletivo, pelo contrário, depende de uma normatividade de direito público que obriga, de forma geralmente taxativa e compulsória, o que os indivíduos e a sociedade humana **devem fazer ou não fazer**, visando ao direito e ao bem coletivo.

Dessa maneira, tanto no setor particular como no público, nota-se cada vez menos a presença de preocupações éticas, inspiradas em razões de cunho religioso, transcendente. É a partir desta observação geral que o autor empreende uma investigação séria e crítica em torno das mais famosas leis normativas do comportamento humano em todos os tempos: Os Dez Mandamentos Bíblicos. Qual a sua incidência na consciência privada e pública do homem de hoje? Podem servir ainda como normas morais dos atos humanos, ou estão superados, servindo em seu lugar, o **mandamento gené-**

**rico do amor ao próximo** ou um hipotético **Imperativo ético** de uma moral a-religiosa?

O presente estudo aborda estes problemas, analisando criticamente os Dez Mandamentos, sua formulação e interpretação, à luz da mentalidade e dos problemas do homem moderno. O objetivo pedagógico do livro realça ainda mais seu valor no campo prático, proporcionando a pais e educadores ótima orientação para uma formação sólida das crianças, adolescentes e jovens de hoje.

Johannes Gründel é professor de Teologia Moral e Diretor do Curso de Teologia Moral da Universidade de Munique, Alemanha. Sua especialização científica se restringe particularmente ao campo das pesquisas históricas sobre problemas de Teologia e Psicologia Moral.

**CRISTIANISMO E SOCIALISMO**, Vários Autores. CONCILIUM/125 — 1977/5: Teologia Fundamental. Editora Vozes, Petrópolis. Ano 1977. Páginas 148.

Diante dos problemas e das graves questões sociais da atualidade, em que ideologias políticas e teorias sócio-econômicas radicais disputam entre si o monopólio dos povos para submetê-los aos interesses e à dominação de sistemas opressivos e violentos, pode a Igreja Católica permanecer **alienada, neutra**? Trata-se mesmo de **ingerência abusiva e arbitrária** a tomada de posição da hierarquia religiosa quando, diante de uma injustiça social que atinge seus filhos na fé e os valores fundamentais que condicionam a sua exis-

tência integral, orienta-os para atitudes específicas como garantia de sua liberdade e bem-estar?

É evidente que não. Estando em jogo os interesses e os valores que determinam o condicionamento da vida humana, mesmo no plano social e econômico, o assunto deixa de ser uma simples questão de especulação teórica a-religiosa para se tornar um problema de **teologia política**. É o que querem demonstrar os vários ensaios deste número de *CONCILIUM*, em que teólogos especializados discutem problemas inerentes à riqueza e pobreza marcando contrastes históricos nas organizações e desenvolvimento de povos, de regiões, de massas humanas dentro da própria Igreja Católica.

Tema de grande importância para todos, em especial para os cristãos que se batem por uma revisão das idéias a respeito de um cristianismo historicamente engajado na construção de um Reino de Deus na terra.

**AS DUAS FACES DA IGREJA**, Benoit A. Dumas. Tradução do original espanhol **Los dos rostros alienados de la Iglesia Una** de Jorge Soares, Editora Vozes, Petrópolis. Ano 1977. Páginas 216.

Sempre houve na Igreja Católica compreensão e carinho para com os pobres, sendo considerados, desde os tempos primitivos, como um "tesouro" místico, sinal de bem-aventurança escatológica. Até há pouco tempo, aceitava-se a situação de pobreza, individual e coletiva como um desígnio histórico inelutável que, ocasionalmente, podia oferecer aos ricos e poderosos a

oportunidade de praticar **atos de bondade e misericórdia**.

Nesses últimos tempos, no entanto, com o surgimento e universalização de uma consciência social de justiça e igualdade de direitos humanos para todos os homens, despertou também dentro da Igreja Católica uma atenção nova e uma série de autocríticas e debates sobre a pobreza e miséria no mundo. Isto levou os próprios teólogos a longas discussões sobre o assunto, particularmente aqui na América Latina, procurando saber se, até onde, e com que meios a Igreja poderia atuar em favor dos pobres, assumindo e defendendo a sua causa de justiça social, inclusive no plano político.

Esta, em síntese, a temática central da obra. O autor pergunta-se qual seria o sentido do mistério de Cristo pobre, entre os pobres sofredores deste mundo, oprimidos e escravizados pelos ricos e poderosos... Como explicar uma Igreja Una, com duas faces — crentes e pobres — uma alienada da outra, aceitando passivamente essa alienação desfigurante, tentando justificá-la através de uma mistificação equívoca, que mais nada diz à grande camada humana que padece na indigência do indispensável para a vida?

Escorando-se em seu profundo conhecimento teológico e bíblico, o autor faz uma análise severa da situação da Igreja diante do problema da pobreza social de grande parte da humanidade, tirando conclusões doutrinárias que darão muito o que pensar, tanto às autoridades eclesiais quanto aos cristãos em geral, todos comprometidos nesse exame de consciência à luz da teologia.

---

# A RAZÃO É EVANGÉLICA

---

É grande esperança ver uma Igreja que se sente, que se quer, que opta por ser do pobre e do oprimido. Não por razões políticas. Simplesmente porque compreendeu na leitura da Revelação e no exemplo de seus maiores santos a preferência e predileção de Deus, de seu Filho Jesus, pelos pobres e marginalizados. E a partir deste amor predileto pelos pobres, pensa tudo o resto, ama todos os outros homens, coloca-lhes as exigências evangélicas. Toda a sua pastoral deve continuar a ser repensada a partir dos interesses evangélicos dos pobres. Não se trata de uma opção classista, no sentido técnico da palavra. Nem tem sentido de contestação como tal. Não é

porque os atuais regimes da América Latina não representam os interesses das classes pobres, que a Igreja se volta para eles. **A razão é evangélica.** Isto significa que independe de conjunturas. Pode acontecer, entretanto, que a gravidade e urgência de tal decisão se imponha mais devido ao caráter extremamente grave da situação dos pobres em nosso continente. As oposições nascem não de uma opção direta da Igreja contra os regimes mas de sua predileção pelos pobres e conseqüentemente incômoda e questionadora para regimes que os marginalizam.

(Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, página 606)

---